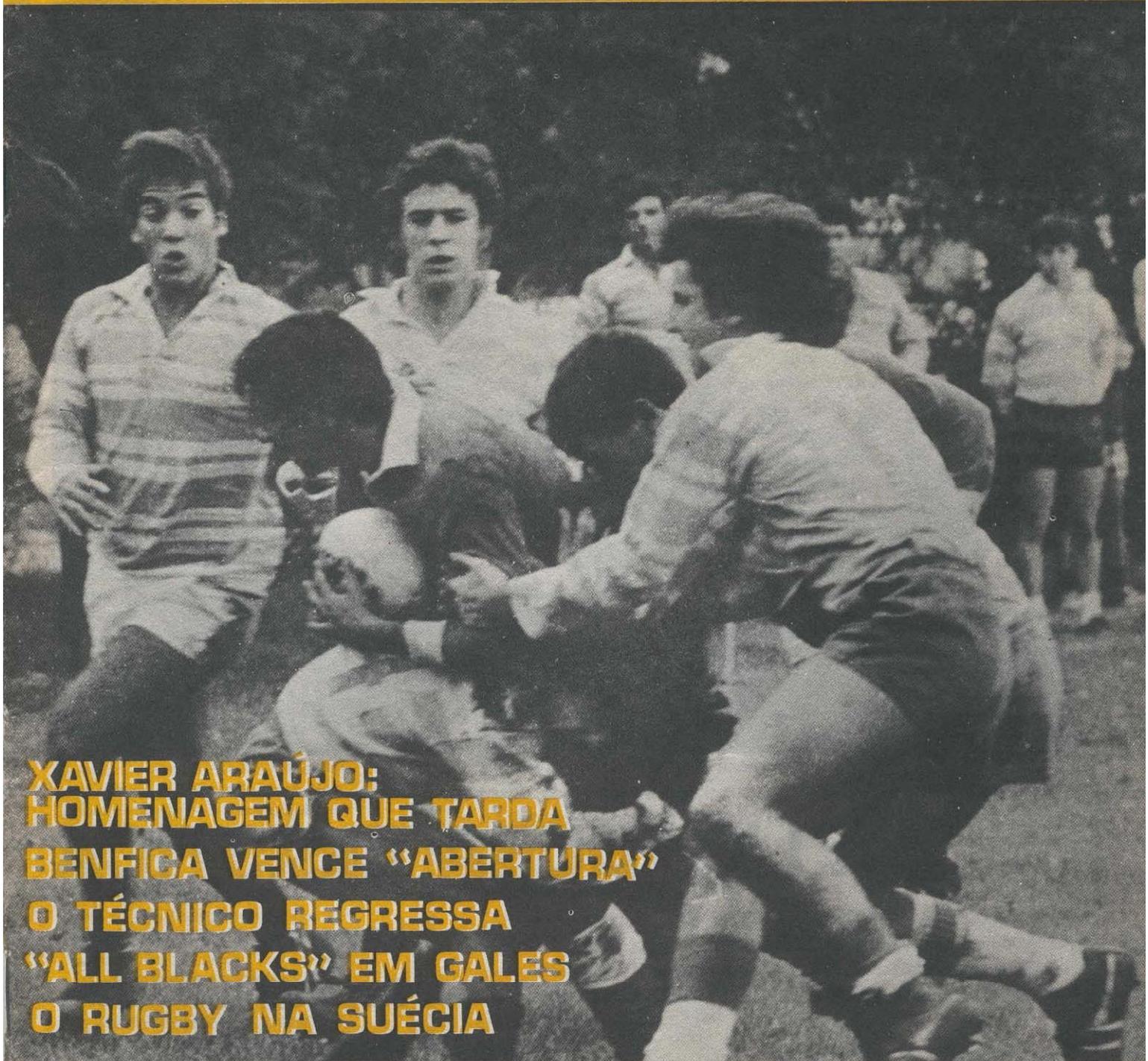


RUGBY

REVISTA

ANO I • N.º 2 • NOVEMBRO 1980 • 40\$00



**XAVIER ARAÚJO:
HOMENAGEM QUE TARDA
BENFICA VENCE "ABERTURA"
O TÉCNICO REGRESSA
"ALL BLACKS" EM GALES
O RUGBY NA SUÉCIA**

**FORMA**

COZINHAS



octogono

Fortelast[®] 7



A LIGADURA ELÁSTICA

Leve

Resistente

Recuperável



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

sumário

PINTO MAGALHÃES escreve sobre a figura de X. Araújo	4
PEDRO LYNCE sugere os «caminhos» da selecção senior ...	13
JOÃO PAULO BESSA fala dos princípios a defender nas selecções	21
PETER HUGHES continua o artigo sobre prevenção na arbitragem	23
DON RUTHERFORD E P. J. COLSTON apontam os requisitos e formas de treino dos Pilares	25
PEDRO RIBEIRO adianta pormenores sobre a digressão dos «All Blacks»	29
Por cá	9
Torneio Inter-Regional	11
Rugby na Suécia	14
Benfica vence «Abertura»	17
Seleccções nacionais ganham	20
Técnico e CDUP na I divisão	20
Zimbabwe em Inglaterra	30
França na África do Sul	31
Roménia na Irlanda	31



ficha

Director: João Fragoso Mendes — **Consultor Técnico:** Pedro Sousa Ribeiro (Londres) — Cabral Fernandes (Coimbra) — **Fotografia:** José Maurício Foto-Rugby — **Direcção Administrativa:** João Manuel de Oliveira — **Colaboram neste número:** António Aguilar, Don Rutherford, Duarte Leal, Eduardo Santos Costa, João Paulo Bessa, Joaquim Vasconcelos, Pedro Lynce de Faria, P. J. Colston, Peter Hughes, Roland Oliveira, Vasco Pinto de Magalhães — **Propriedade:** J. F. Mendes — **Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq. 1 000 Lisboa — **Composição Impressão:** Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda. — Rua Saraiva de Carvalho, 207 C Lisboa — **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição Mensal.

DÍVIDA EM ABERTO

Este segundo número de RUGBY-REVISTA «abre» recordando a obra de um Homem e um Desportista a quem o rugby português muito deve: Francisco Xavier de Araújo.

Ele esteve no arranque da modalidade no nosso país, viveu-a intensamente durante longos anos, primeiro como brilhante praticante e treinador, depois só como técnico, contribuindo decisivamente para a sua implantação em Portugal. É urgente que o rugby português (a geração actual) preste a este Homem — hoje com 88 lúcidos anos — a homenagem que vai tardando.

Xavier de Araújo continua, tal como há 50 anos, um Desportista na verdadeira acepção do termo. E a sua forma de estar no Mundo, a sua maneira de «viver» o Desporto são na verdade qualquer coisa de espantoso, em alguém que está próximo dos 90 anos. Defensor intransigente do «Desporto pelo Desporto», mas compreendendo perfeitamente, e mais, aceitando sem qualquer problema por exemplo, o profissionalismo, Xavier de Araújo demonstra uma «abertura» pouco frequente.

«Gosto das coisas claras, nada de subterfúgios. Quem é profissional é profissional. Agora sê-lo e dizer-se amador é que não posso aceitar. O profissional fez avançar o Desporto de tal forma, atingir-se marcas e uma perfeição técnica tal que não seria inteligente ignorá-lo» Ouvir estas palavras de alguém que sempre fez do Desporto uma festa que, inclusivamente, recusou o profissionalismo em várias ocasiões, e aos 88 anos, é na verdade surpreendente. Mas Xavier de Araújo di-lo da mesma forma como provavelmente o diria há meio século.

É um Homem que soube acompanhar o fenómeno desportivo. Que não parou, como normalmente sucede, recordando o (seu) passado. Xavier de Araújo — com um currículo que ninguém desdenhará, portanto, com razões para recordar — vive e vê o Desporto de hoje. O passado tem o seu lugar (bem arrumado, de resto) só na memória. Xavier de Araújo continua presente. Bem presente.

O Rugby português está em dívida para com ele. Chegou a hora de a «pagar». O mais idoso dos rugbistas portugueses em «actividade» merece-o. Que a FPR meta ombros a tal iniciativa. Pela nossa parte, para lá da sugestão, aqui lhe deixamos, nas páginas que se seguem a nossa modesta homenagem.

FRANCISCO XAVIER DE ARAÚJO: UMA DÍVIDA DO RUGBY NACIONAL

VASCO PINTO DE MAGALHÃES

Se tivesse que introduzir Francisco Xavier de Araújo junto dum britânico hesitaria entre «X.A., eighty eight, sportsman» e X.A., eighty eight, gentleman» mas acabaria certamente por decidir pela primeira forma por que um verdadeiro «sportsman» é sempre um «gentleman» e um «gentleman» não é forçosamente alguém que se interesse por «sport». E, como esta maneira sintética de apresentar X.A., estaria (quase) tudo dito.

Mas, para o fim que me proponho atingir, algo mais terá que mencionar-se, designadamente para as gerações mais jovens que, de F.X.A., não terão talvez mais do que a ideia do simpático senhor de côr, de idade indecifrável, que carinhosamente distribui todos os fins de semana, pelos jovens que frequentam o «rink» do Jardim Zoológico, técnica e arte de patinar... e coração. E, para fazê-lo, não terei muito trabalho adicional, bastaria quase apenas retomar a carta que dirigi, em 21 de Junho de 1979, ao C.O.P. e que julgo por si própria suficientemente esclarecedora. Aos que estiverem interessados em pormenores da vida de F.X.A., recomendamos-lhes a leitura do seu currículo publicada no boletim do C.O.P., noutra local reproduzido e da entrevista realizada pelo Director desta Revista, publicada no Diário de Notícias de 10 Fevereiro de 1980.

«Exmo. Senhor Presidente da
Comissão Executiva do C.O.P.,

Confirmando o que verbalmente tive ocasião de dizer ao membro dessa Comissão, o meu querido e velho amigo Fernando Machado, pois, na realidade, é com a maior pena que me vejo impossibilitado de comparecer no Jantar Comemorativo do Dia Olímpico no próximo dia 23 do corrente. Mas acontece que nesse mesmo dia e fora de Lisboa, terá lugar um acontecimento de extraordinária importância para a minha família por reflexo de sublimado evento que, por coincidência, envolverá um dos mais perfeitos desportistas (na vera acepção do termo) que terá havido em Portugal».



Xavier de Araújo em todas as equipas onde jogou foi sempre o seu «capitão». Na foto, em representação o Ginásio antes do seu encontro com o Madrid F. C., disputado em Lisboa, troca os habituais cumprimentos com o «capitão» espanhol.

«Mas estarei convosco a essa hora, tanto mais que, nesse jantar, o C.O.P., para além das homenagens que se propõem prestar a diversos membros da FAMÍLIA OLÍMPICA — entre os quais não posso deixar de destacar o meu querido amigo Marquês de Funchal — terá ocasião de continuar na sua obra de exaltar uma das maiores figuras do desporto nacional, esse eclético Francisco Xavier de Araújo, tão inexplicavelmente esquecido das Federações que tanto honrou. E nestes conturbados tempos que vamos atravessando, Portugal, agora mais do que nunca, tem necessidade, homenageando os verdadeiros valores, de os apontar à juventude como os autênticos paradigmas a seguir.

Não me estou referindo ao «CAMPEÃO» — muito embora Xavier de Araújo o tivesse sido com brilho em muitas modalidades — mas sim ao «DESPORTISTA».

É que se podem partir muitos pratos, fazer muitos toques, pulverizar muitos «records», vencer todos os adversários em competição e isso não significar mais do que partir mais pratos, fazer mais toques, saltar mais alto ou correr mais depressa, de que todos os outros ou ainda marcar mais ensaios ou golos do que todos os adversários — vencendo-os.

Isso é de facto ser «CAMPEÃO».

Mas ser «DESPORTISTA» pode ser algo de muito diferente.

Por isso não resisto a transcrever algumas

POR SALDAR

das palavras da exortação que dirigi aos atletas universitários portugueses no início dos seus campeonatos de 1975.

... de sobra sabemos todos, que, ao atributo de campeão, nem sempre corresponde o de desportista.

Campeão é o que vence todos os adversários, numa luta que pode prescindir, até certo grau, do apoio das forças morais.

Desportista é porém o que se vence a si mesmo, todos os dias e a todo o momento, numa batalha em que tempera o carácter e em que antepõe a todos os valores os morais, que enaltece e a que, estritamente, obedece.

Desportista é o que luta interessada mas desinteressadamente, que respeita o adversário e se respeita, que perde com nobreza e ganha com modéstia.

Desportista é o ser eternamente jovem, campeão de um ideal onde a prepotência e a deslealdade, a tibieza e o conformismo não encontram lugar.

Desportista é aquele que pode marchar sempre de cabeça bem erguida e que, não obstante, humildemente a baixa perante a verdadeira grandeza; desportista é aquele que se mantém «direito» embora as consequências do jogo da vida o obriguem a dobrar a cerviz e que, em todas as manifestações da vida temporal, deixa transparecer o do-

mínio forte do espírito sobre a fraca matéria.

Desportista é o Homem na concepção divina.

É que é justamente esta a faceta do «jovem» Xavier de Araújo que foi homenageado com o «Diploma de Honra» do «Troféu Internacional Pierre de Coubertin para o Fair-play»... aos 86 anos.

Neste dia em que comemoramos o Olimpismo — ou, melhor, a Ideia Olímpica — é a alma do desporto que se celebra. É a observação das regras do jogo, mais no seu espírito do que na sua letra, que hoje comemoramos, ou seja aquilo que se internacionalizou com a designação de «FAIR PLAY».

Na realidade, «FAIR PLAY»... mais não é do que «Jogo Limpo», cumprir as regras. E bem preciso é nestes tempos de tão grande confusão — e até inversão — de valores, distinguir aqueles que tudo lhe sacrificam na vida, até simples e inofensivas vaidades, e arrastam com as consequências que essa atitude, fatalmente, acaba por provocar num ou noutro por esse facto molestado.

Não será pois o multi-campeão Francisco Xavier de Araújo que é homenageado. É o desportista que em 86 anos de vida lhe soube cumprir as regras. Por isso lamento que, mais uma vez, no último Boletim do C.O.P., se tenha ganho espaço com o seu «currículo» de atleta, onde avulta o campeão, em



vez de se transcrever a «proposta» feita ao «Com. Int. para o Fair Play», de que aquele «currículo» foi um anexo, valioso, embora, mas não a base fundamental que aquele Comité teve em consideração para galardoar Xavier de Araújo e que foi, sem dúvida, o conteúdo da «proposta».

Estou absolutamente à vontade para o dizer portanto qualquer daqueles documentos é da minha autoria pois foi a mim que o C.O.P. concedeu a honra e o privilégio de os elaborar, dando-me assim a oportunidade de colaborar na homenagem a quem tanto estimo e admiro.

É este, afinal e fundamentalmente, o motivo desta minha carta que, sem querer, se tornou tão longa — o que, peço-me desculpem — com o pedido de ser lida aquando da imposição da Medalha de Mérito Desportivo ao meu velho mestre e capitão sem mácula, a qual termino justamente com as palavras da referida «proposta».

«O COMITÉ OLÍMPICO PORTUGUÊS» honra-se ao propôr ao «COMITÉ INTERNACIONAL PARA O «FAIR PLAY» o nome de FRANCISCO XAVIER DE ARAÚJO, cujo curriculum junta em anexo, como candidato ao «TROFÉU INTERNACIONAL PIERRE DE COUBERTIN» de 1977.

Trata-se, na realidade, de um desportista que não só se evidenciou como um atleta extraordinário que praticou em alto nível, em Portugal e no estrangeiro, uma larga gama de desportos de suma exigência, como o atletismo, a patinagem, o boxe, o futebol e o rugby — para não citar senão aqueles em que mais se destacou — como se mostrou ao longo de toda uma vida, que vai agora nos 86 anos, um desportista de eleição possuidor duma nobreza de carácter, e du-



Esta a célebre equipa do GCP, campeã de Lisboa três anos consecutivos, formada e capitaneada por Xavier de Araújo.

uma figura

ma correcção inexcelsíveis, atributos esses sublinhados no cargo de capitão a que a sua natural e discreta autoridade o levou, quase, por exigência dos seus companheiros de equipa.

Factualmente, «atitudes ou actos dignos de realce que possam ser apontados como exemplo de «fair-play» é quase impossível citar na vida de Francisco Xavier de Araújo, o «fair-play» para Xavier de Araújo era — e é, felizmente — o quotidiano da sua vida: as suas relações humanas, no dia a dia, sempre intrinsecamente cavalheirescas: a simpatia que de si irradia, muito do seu prestígio de desportista campeão e duma modestia que, aliada ao seu fino traço, o impuseram desde os seus tempos de estudante, até mesmo no Reino Unido, eivado do racismo dos princípios do século, não obstante tratar-se de um homem de cor; a sua dedicação sem limites à equipa na qual se gravava: a sua orientação, sempre correcta, quer como capitão, quer como árbitro ou dirigente; a sua atitude de desportista, lutador irredutível e indefectível dentro das regras do jogo que nunca ultrapassou ou consentiu que se ultrapassasse; a sua total imunidade às solicitações que os meios profissionais que frequentou tanto no Reino Unido como em Portugal, designadamente no boxe e na luta livre, eram tão propícios mas nunca lograram convencê-lo, não obstante tantas vezes não ter hesitado em saltar as cordas dos «rings» para se bater brilhantemente contra categorizados profissionais, mas sempre, a título gracioso; o exercício do magistério de tantas disciplinas desportivas cumprindo horários e outras obrigações como se de um profissional se tratasse, mas sempre a título gratuito; e, finalmente — «last nothe least» — a sua ânsia de dar aos outros, sobretudo aos jovens, o muito que tem dentro de si e que o leva, aos 86 anos, a estar à disposição da «pequenada» que o adora e procura todos os fins de semana no «rink» do Jardim Zoológico onde a sua elevada figura de desportista carinhosamente se inclina para os pequeninos que buscam os seus conhecimentos e afabilidade e simultaneamente se projecta na sua verticalidade física e moral de um Homem que o soube e sabe ser».

A CONSAGRAÇÃO DEVIDA

Entre nós, a acção de X.A. como desportista espalhou-se generosamente por diversas modalidades e clubes: atletismo — em



Xavier de Araújo e Vasco de Magalhães, quando (em 5/10/72) do Festival dos 50 anos sobre a data do primeiro jogo disputado em Portugal entre equipas portuguesas.

várias disciplinas, em Lisboa e no Porto; futebol — desde guarda-redes a avançado-centro, de Lisboa até Braga; box, campeão e professor obsquioso; patinagem, lançando a patinagem artística, ao som de música, que vem lecionando até aos nossos dias; etc., etc..

Para além de ter sido, em 1977, eleito por aclamação, «sócio de mérito» da Associação de Patinagem de Lisboa, desconheço quaisquer outras homenagens que possam ter sido prestadas a X.A. por organismos congéneres e, no rugby, apenas tenho como recordação um vago torneio de juniores dotado como uma taça com o seu nome e em cuja final X.A. compareceu... sozinho.

X.A., portanto, que recebeu já, em 1977, a consagração mundial por recepção do Diploma de Honra de Troféu Pierre de Coubestín que lhe foi atribuído pelo «Comité International pour Fair Play», e, em 1978, a homenagem a título nacional por atribuição (tardia) da Medalha de Mérito Desportivo, não teve, para além da já citada homenagem da A.P.L., nenhuma consagração condigna por parte de qualquer das federações que mais honrou, designadamente, a do rugby.

Ora para além de tudo que já ficou dito, X.A. é hoje o único sobrevivente da primeira equipa de rugby que, integrada por portugue-

ses, se exibiu em Portugal (em 12 de Março de 1922). Por curiosidade se cita que foi também o marcador, no nosso país, do primeiro ensaio oficial (em 24 de Março de 1927), no 1.º Campeonato de Lisboa, organizado pela ARL, representando o Ginásio Clube Português. Foi capitão da primeira selecção nacional (que, em 13 de Abril de 1935, em Lisboa, perdeu com a Espanha por 5-6). Foi campeão da ARL 3 anos seguidos, capitaneando o G.C.P. (1933, 34, e 35). E foi o homem a quem recorri quando resolvi introduzir o rugby nas escolas (1934-45) e sem a sua preciosa ajuda na organização e ensino de algumas equipas escolares — e ficará bem aqui citar também a notável acção de Alberto Freitas, árbitro e jornalista e de Francisco Silva, então presidente do A.R.L., neste empreendimento — não me teria sido fácil, ou talvez possível, consegui-lo, pelo menos em tal êxito, não só pelo entusiasmo verificado na época mas e sobretudo pela promoção quantitativa e qualitativa que trouxe ao rugby nacional.

A F.P.R. teria uma meritória acção tomando sobre si a missão de, por homenagem condigna, mostrar a X.A. o apreço e a gratidão de todos os rugbistas portugueses. E não me será certamente levado a mal que seja eu a fazer esta chamada de atenção, eu, único dos seus pupilos que se mantem ainda na luta, que lhe sucedi no capitánato do G.C.P. e no da selecção nacional, e que com ele vivi alguns dos períodos mais vivos da expansão da modalidade. E atrevo-me a aporesentar uma sugestão, tanto mais à vontade quanto à ideia não é originariamente minha mas sim do Eng.º Pedro de Sousa Ribeiro, um dia, bastante recente, em que discutávamos sobre o assunto.

Tratar-se-ia de — tal como em França, na disputa do respectivo Campeonato Nacional que é galardoadado com um troféu (um escudo) que leva o nome dum homem do rugby (por sinal dum modesto praticante e árbitro, mais tarde presidente do SCUF) «Le Bouclier de Brennus» — atribuir ao troféu em disputa no nosso campeonato o nome de «**Taça Xavier de Araújo**».

Nada me parece mais justo e justificado.

Mas se se entender que algo do mesmo nível — ou superior — lhe é preferível, pois que assim se promova, levando a X.A. o apreço e a gratidão de todos os «homens do rugby» que com ele participaram das alegrias de praticar e construir o nosso desporto ou que disso hoje beneficiam. ■

PRATICAR DE TUDO UM POUCO E EM TUDO SER BOM

Francisco Xavier de Araújo nasceu em 6 de Abril de 1892, na Ilha de São Tomé, filho de António Pedro de Araújo, empresário agrícola, e Vunge Rachael, santomense de origem angolana.

Vindo para Lisboa aos três anos, entrou, aos oito para o Colégio de Campolide, dos Padres Jesuítas, onde permaneceu até perfazer o 5.º ano dos liceus; seguiu, então, para Inglaterra, primeiro para Southport, onde concluiu a sua preparação secundária e, depois, para Manchester, onde seguiu o curso de electrotecnicia do «Scholl of Technology», da respectiva Universidade. Concluído este, passou para a Escócia, matriculando-se na Universidade de Glasgow, para obtenção de grau de engenheiro cujo curso não viria a completar por, como consequência da eclosão da I Grande Guerra, ter tido de regressar a Portugal. Alista-se e fre-

quenta a Escola de Guerra como miliciano, não tendo chegado a ir para França, por o Governo português ter cancelado o envio de novas tropas para aquela frente.

Terminado o serviço militar, iniciou a sua vida profissional como técnico de electrotecnicia, primeiro na companhia dos Carris de Ferro de Lisboa e depois na Companhia dos Telefones, ambos de capital e administração britânicas. Muito cedo, porém, a sua tendência pessoal aliada a um domínio fluente de línguas estrangeiras e aos conhecimentos contabilísticos adquiridos em Manchester o encaminharam para a função bancária onde permaneceu praticamente durante 40 anos, passando episodicamente por outros empregos, em Lisboa e no Porto, terminando a sua carreira profissional no Banco Lisboa & Açores onde se manteve até à sua reforma. Após esta, não aceitou a inactividade, conti-

nuando, a par duma intensa vida ligada ao desporto a dar colaboração a antigos clientes seus com bases nos seus conhecimentos profissionais.

EXTRAORDINÁRIO ATLETA

As suas extraordinárias aptidões para o desporto cedo se revelaram no Colégio de Campolide, então o mais adiantado em matéria educação, e onde, por influência britânica, designadamente irlandesa, os Padres Jesuítas dedicavam grande atenção à educação física; já nessa época o reconhecimento geral das suas qualidades levava os seus companheiros a escolhê-lo como «capitão» nos vários jogos que praticavam (barra, corrida, «football» primitivo, jogos com andas, etc.). Mas foi em Inglaterra e, depois, na Escócia que desabruçaram todas as suas potencialidades, praticando



Fase do jogo Ginásio-Madrid FC (campeões nos dois países) disputado no início da década de 30 que os portugueses venceram, por 8-3. Na foto, reconhecem-se, à direita, Xavier Araújo, e à esquerda, V. Pinto Magalhães.

uma figura

todas as disciplinas desportivas a que a juventude britânica, designadamente a universitária, se dedicava: golf, cricket, ténis, remo, atletismo, «football», rugby, boxe e, até, luta livre. Pode lamentar-se esta dispersão, que certamente o impediu de atingir os mais altos níveis, certamente ao seu alcance, e pena é que não haja praticamente registos de tempos e marcas suas, mas, como índice, poderá citar-se que, na época em que o «record» do Mundo do salto em altura era de 1,90 m saltou, sem qualquer preparação especial, 1,75 m em provas e 1,78 m em treino. Mas não obstante esta dispersão, foi ainda notável o nível atingido, quer no boxe (categoria dos «médios») quer no atletismo (designadamente no «sprint» — 110, 220 e 240 jardas —, nas barreiras e no salto em altura), disciplinas em que foi campeão «universitário» e, ainda, no rugby (jogando praticamente a todos os lugares) modalidade em que fez parte das equipas representativas das universidades que frequentou e só não foi campeão de luta livre como o seu professor profetizava por grande a guerra lhe ter cortado a sua carreira auspiciosa.

E, para além do desporto de competição, tomou-se um notável e disputado frequentador s «rinks» de patinagem, «virtuose», daquilo e, ao som da música, viria a chamar-se «patinagem artística».

Regressado a Portugal, praticou «football» em clubes então de primeiro plano (Clube Internacional de Futebol, e conhecido CIF, e no Sporting de Braga), jogando em todos os lugares, incluindo o de guarda-redes, e, sendo, simultaneamente, o treinador.

Em atletismo, em que representou também CIF e o Académico do Porto, foi vencedor de inúmeras provas de «sprint» e campeão três anos seguidos de 110 metros barreiras (como nota curiosa, faz parte duma estafeta vitoriosa em que os seus companheiros eram o atleta olímpico e mais tarde conhecido historiador Eng.º Armando Cortesão e o futuro Presidente do C.O.P., General A. Corrêa Leal); foi ainda treinador de várias equipas e prestou ao atletismo dedicados serviços como oficial em várias equipas, juiz, cronometrista, etc.).

Foi grande impulsionador do boxe em Portugal, em que apenas disputou um campeonato (que venceu) batendo um adversário da categoria de pesados, dedicando-se devotadamente à orientação dos melhores praticantes da época (dos quais, inclusivamente, não desdenhou ser «segundo») e leccionou anos seguidos no Ginásio Clube Português, sempre a título gracioso. É conselheiro técnico da respectiva Federação.



O Sporting foi outro dos clubes representantes por X. A. Na foto, de 28 de Março de 26, antes de um jogo com o «Exiles» os companheiros de equipa homenageiam o «capitão» que se «transferia» para o Porto.

Mas foi talvez no «rugby» que mais ampla foi a sua acção. Como atleta será difícil ser mais dotado para este desporto, que praticou com grande classe e inextinguível elegância até para lá dos 42 anos, idade em que foi ainda «internacional» e capitão da selecção nacional. Presente desde o primeiro em todos os jogos realizados em Portugal nos seus primórdios (1922), se não foi o verdadeiro introdutor do jogo no nosso país — que o foram alguns franceses aqui residentes — foi o real introdutor do seu espírito, por oposição à tendência francesa, então dominante e pouco identificada com o «varsity-spirit» anglo-saxónico, o único admissível neste desporto. Foi a ele também que recorreram alguns dos seus companheiros de clube quando lançaram o rugby na Universidade (1934), cabendo-lhe preparar as primeiras equipas escolares, durante os anos de início, sucessivamente Agronomia, depois Veterinária, depois Técnico e mais tarde a Academia Militar. Preparou ainda a primeira Selecção Universitária de Lisboa, que se deslocou a Madrid, em 1939.

Como praticante foi representado também, sucessivamente, os clubes cujas

equipas ia ajudando a criar desde o primeiro Royal, até ao Ginásio Clube Português, passando pelo Sporting e pelo Benfica. Mas foi no Ginásio onde se fixou e que capitaneou sete anos, tendo conquistado três campeonatos seguidos, que melhor deu a medida do seu saber pelo nível a que elevou a equipa e pelo valor transmitido aos seus discípulos que, espalhando-se, lhe continuaram a obra. Como «internacional» tomou parte nos dois únicos jogos que se realizaram no seu tempo, defrontando a Espanha, em ambos, como capitão da Selecção Nacional.

Fora de competição, dedicou-se e continua a dedicar-se à patinagem, tendo sido o introdutor em Portugal do acompanhamento musical com o que a dança em patins se expandiu na actual «patinagem artística», em que tem iniciado centenas de jovens, que não deixam de procurar o amigo inigualável professor que, com os seus 88 anos, raras vezes falha ao encontro de fim de semana com os seus discípulos, alguns já em segunda geração, no «rink» do Jardim Zoológico de Lisboa.

Em 1977 foi eleito, por aclamação, sócio de Mérito da Associação de Patinagem de Lisboa. ■

«ECONÓMICAS» REGRESSA

A Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia vai voltar, esta temporada, à prática da modalidade, após alguns anos de inactividade.

Essencialmente virada para os alunos do Instituto, a secção de rugby, agora ressurgida, manterá para já uma equipa senior, que irá participar no «nacional» da II divisão. Sob orientação dos professores Delfim Barreira e Mesquita, «Económicas» promete larga movimentação, não só de alunos daquela escola como também a outros eventuais interessados.

Recorde-se que, no final da década de 60, quando as suas equipas foram orientadas por um técnico irlandês, rugby do ISE atingiu excelente plano. Depois, foi decaindo até ao desaparecimento do «quadro» das equipas portuguesas.



ZONA CENTRO «CRESCER»

O trabalho de fomento desenvolvido na zona centro do país, pelo Comité Regional de Coimbra está já a dar os seus frutos. Na realidade após cinco anos, a Académica já não está só, pois para lá do RC Coimbra e do Moitense, esta temporada, mais três equipas seniores fizeram o seu aparecimento na cena rugbística portuguesa: RC Lousã, RC Tomar e RC Figueira da Foz, que disputaram o Torneio Regional de seniores.

Mas o crescimento da região não pára e já

se anuncia o aparecimento, ainda esta época de outros três clubes com equipas do escalão mais elevado. Trata-se do RC Leiria, do RC Aveiro e do RC Torres Novas.

Este «súbito» aumento de equipas na zona só poderá espantar quem não tenha acompanhado o esforço desenvolvido, desde há cinco ou seis anos, junto das camadas mais jovens. Os Infantis, Iniciados e Juvenis de épocas anteriores chegaram aos seniores e agora eles aí estão para disputar as provas federadas a nível nacional.

COIMBRA TEM AUTOCARRO

O Comité Regional de Coimbra, dando uma vez mais mostras de um dinamismo notável, e que deverá ser apontado como exemplo, acaba de valorizar o seu património com a aquisição de um autocarro de 19 lugares, que irá servir o rugby da zona do país por si coberta.

Para lá do autocarro o campo documental e didáctico foi consideravelmente melhorado com a aquisição de um gravador «video», o que possibilitará uma activa divulgação da modalidade, nos estabelecimentos de ensino, bem como o apoio técnico aos clubes e

núcleos agregados ao Comité. A arbitragem será o tema de um programa já na forja e que inaugurará a actividade didáctica da nova aparelhagem.

Tudo isto é possível devido ao dinamismo da equipa que trabalha naquela zona do país, encabeçada pelo Toni, uma verdadeira «máquina» de iniciativas. Basta, a título de exemplo, referir só na época de 79/80 o rugby na região movimentou cerca de três mil contos, e que esta verba deverá ser largamente ultrapassada na presente temporada. A FPR tem de orçamento 2 500 contos.....

ESPAÑA ADIA CONTACTOS

O Espanha-Portugal, para selecções de jogadores com menos de 23 anos previsto para 22 de Novembro foi adiado, a pedido da Federação Espanhola de Rugby por alegados problemas de ordem interna. Em princípio, a sua realização foi transferida para o final do próximo ano, também em Madrid, como agora estava previsto.

Refira-se, entretanto, que a disputa do já tradicional Espanha-Portugal em juniores, marcado para 15 de Março de 1981, está, também, em dúvida, pois, para lá dos problemas com que a federação espanhola se debate, nessa altura estará no auge a montagem do Torneio FIRA-81 da categoria, que se disputa um mês mais tarde, precisamente em Madrid. No que diz respeito aos juvenis (a jornada costuma ser dupla) há mais possibilidades que o contacto se concretize.

INGLATERRA EM LISBOA

As datas dos dois jogos que a selecção de juvenis da Inglaterra virá disputar a Portugal estão já determinadas. Assim, no dia 8 de Abril os ingleses defrontam, no Estádio Universitário de Lisboa, a selecção lisboeta da categoria, e no dia 11, no mesmo local, realizar-se-á o IV Portugal-Inglaterra. A comitiva britânica chega ao nosso país no dia 6 e partirá a 12



SELECÇÃO JUNIOR JÁ «MEXE»

Integrado no programa de trabalhos da selecção nacional de juniores, realizou-se nos dias 24, 25 e 26 de Outubro o primeiro estágio de preparação, que registou a presença de 43 dos 50 jogadores convocados pela dupla responsável pela equipa, João Paulo Bessa — Olgário Borges.

O estágio comportou duas sessões teóricas — uma delas com a presença do árbitro Picão de Abreu — uma sessão de trabalho sobre técnica individual, testes físicos e trabalho por sectores. No domingo realizou-se o I Prováveis-Possíveis.

O estágio constituiu, fundamentalmente, a «abertura oficial do ano de trabalhos», com a

introdução dos métodos e conceitos técnico-tácticos, e correu dentro do que se previa: excelente entrega dos jogadores e muito má condição física.

O programa estabelecido para a selecção junior prosseguirá em 8 de Dezembro, com a realização de um jogo com a selecção «menos de 21 anos».

No jogo «Prováveis-Possíveis» os dois «quinze» alinharam da forma seguinte:

PROVÍVEIS — Lupi (CDUL); Flores (Elvas), Gomes (S. Miguel), V. Almeida (Belenenses), N. Durão (Cascais); Jales (CDUL) e Morais (Benfica); Macedo (Direito), P. Ferreira (Direito) (cap.) e Borges (Belenenses); V.

Paulo (Cascais) e Keating (Académica); Chichorro (Belenenses), L. Morais (Direito) e R. Andrade (CDUL).

POSSÍVEIS — Garcia (S. Miguel) (cap.); Cortes (CDUL), Sampaio (Benfica), S. Dias (Emídio Navarro) e H. Martins (Cangurus); Queimado (Benfica) e Rocha (CDUP); Dores (Elvas), P. Ferreira e P. Esteves (CDUL); Paixão (S. Miguel) e Branco (Lousã); Matias (Académica), Magro (Lousã) e Carapuço (Agricultura).

Foram ainda utilizados: Maia (Benfica), Castelão e Claudino (Elvas), Brálio (Agricultura) e J. Santos (Moitense).

CURSOS DE TREINADORES

Promovido pela FPR, com o apoio do Instituto Nacional dos Desportos, realizou-se, nos dias 31 de Outubro e 1 e 2 de Novembro, em Coimbra, um curso de treinadores, de quarto grau.

Participaram 22 candidatos, das mais variadas proveniências (Coimbra, Lisboa, Figueira da Foz, Moita, Lousã, Leiria, Tomar, Porto, etc.). O curso foi dirigido pelo professor Cabral Fernandes, secretariado por Fernando Pinho.

Anuncia-se, entretanto, para breve a realização de um outro curso, este de terceiro grau, agora em Lisboa, no Centro de Estágio. Será dividido por duas fases. A primeira nos dias 19, 20 e 21 de Dezembro, e a segunda de 29 a 31 de Maio de 1981.

2º TORNEIO INTERNACIONAL SÁGRES (SEVEN-A-SIDE)



COIMBRA
6 e 7 de Junho - 1981

2º TORNEIO DE VETERANOS GALP



FIGUEIRA DA FOZ e COIMBRA
7, 8, 9 e 10 de Junho - 1981

COIMBRA

2.000 ANOS DE HISTÓRIA



INFORMAÇÕES:

organização dos torneios

Comissão Organizadora do FIRC 81
Bairro Sousa Pinto, 17
3 000 Coimbra Portugal

turísticas

Posto de Turismo de Coimbra
Largo da Portagem
3 000 Coimbra Portugal
Tels. 2 38 86 - 2 55 76 - 2 37 99

I TORNEIO INTER REGIONAL UMA NOVIDADE EM 1980/81

A temporada agora iniciada apresenta, a nível senior, algumas novidades, no que diz respeito à actividade federada.

Assim, irão disputar-se pela primeira vez duas novas competições, uma de carácter colectivo e outra individual. Começando pela colectiva, trata-se do I Torneio Inter-Regional, uma adaptação portuguesa do campeonato de Condados britânico. Nele tomarão parte três selecções: a de Lisboa, a do Sul e a do Centro Norte.

O primeiro encontro da prova terá lugar no dia 23 de Novembro — portanto com esta edição de «RR» já publicada — e porá frente a frente, no relvado número três do Estádio Nacional a equipa de Lisboa à do Sul. Em 22 de Fevereiro do próximo ano disputar-se-á o encontro Sul-Centro/Norte, em Évora, e o último jogo terá lugar no Porto, no dia 29 de Março, e, obviamente, oporá o Centro/Norte a Lisboa.

A FPR, ao tomar esta iniciativa, pretendeu pôr a «mexer» o maior número de jogadores possível, principalmente aqueles que se encontram em idades críticas, isto é, os que não fazendo parte das selecções nacionais têm no entanto valor suficiente para serem cha-

mados a equipas regionais. Os juniores, recém promovidos a seniores serão, talvez, o «alvo» federativo. A FPR pretende a institucionalização desta prova, e quem sabe, se não será, no futuro, uma plataforma para «lançamento» de jogadores para a selecção nacional, a partir de agora, com um calendário internacional bem preenchido.

São responsáveis pelas três equipas, no torneio que agora se vai iniciar, os professores Delfim Barreira e Mesquita (Lisboa), César Pegado (Centro/Norte) e João Bagulho (Sul). Refira-se que a selecção do Sul abarca as equipas de Elvas, Setúbal, Évora e Faro.

SELECÇÕES NACIONAIS ACTUAM EM PARALELO

Entretanto, a actividade destas três selecções regionais não se limitará ao torneio. Na realidade elas servirão de equipas treinadoras às selecções nacionais («A e de Esperanças»).

Como referimos noutra local, essa sua função já começou com a realização das partidas Centro/Norte-Seleção Nacional e Lisboa — «Esperanças».

Até final da época ainda se irão realizar os encontros seguintes: Seleção Nacional —

«Esperanças» (Estádio Nacional, no dia 4 de Janeiro, às 10 e 30); Sul-Seleção Nacional (Elvas, no dia 28 de Março, às 16 horas); Centro/Norte — «esperanças» (Coimbra, no dia 5 de Abril, às 14 horas); e Sul-«Esperanças» (Faro, possivelmente no dia 9 de Maio, às 17 horas).

De notar que os encontros das selecções nacionais se disputarão todos fora de Lisboa.

«CRITÉRIOS» INDIVIDUAIS

A outra novidade, incluída no calendário oficial desta época, são os critérios do «Jogador Completo» e do «Melhor Pontapeador», destinados a seniores e juniores, e que decorrerão no próximo dia 1 de Dezembro (Feriado Nacional).

A regulamentação para estas provas, de carácter individual, ainda não foram divulgadas, mas elas apontam para a realização dos mais variados testes em campo (corrida, técnica individual, força, etc.) que devidamente pontuados irão determinar uma classificação para o «Melhor Jogador».

No que diz respeito ao «Melhor Pontapeador», como é óbvio, trata-se de uma competição entre chutadores, na qual será também estabelecida uma classificação.



Aos jovens se destinam, fundamentalmente, as selecções e o Torneio Inter-Regional, a novidade da época de 80/81.



PARTICIPAÇÃO E DIÁLOGO

Diz o art.º do Estatuto da FPR que ela se rege «... pelas regras de organização e gestão democráticas assentes na participação activa dos respectivos sócios...»

Sem receio de desmentido, diríamos que o princípio que ali se exprime cabe em qualquer projecto de revisão daquele instrumento normativo: não se concebe, efectivamente, o organismo de topo do Rugby Português num contexto cupulista ou nascido de uma autocracia necessária condenada a não sobreviver.

Mas uma coisa são os princípios outra a prática, o dia-a-dia. E se a participação não atinge, porventura a qualidade e a quantidade apetecida, não será certamente à míngua de ocasiões ou canais proporcionados pelo próprio edifício estatutário.

Com efeito, e por exemplo, temos por vezes a sensação de que os clubes julgam esgotada a sua participação no comando do Rugby quando eleita uma Direcção da FPR, quando designados os seus representantes na Assembleia Delegada.

Dir-se-á que, em termos regulamentares, os membros da Direcção não representam os clubes-eleitores. Assim é; e, mais que salutar, é indispensável. Somente, a participação não se requer, não se espera nem aconselha em termos de *fazer valer* no Executivo as posições singulares de quem subscreveu e votou candidaturas.

O que se afigura correcto é, muito para além disso, manter um diálogo permanente, uma corrente, em dois sentidos, de informação e esclarecimento.

O estabelecimento desse diálogo cabe, como é óbvio aos dois interlocutores e, para isso, é impensável que não exista ou não se crie uma abertura de espírito, e é exigível que se afaste à partida qualquer complexo viciador da clareza de intenções.

Ainda mais alcançável, se afigura, a *participação* a nível da Assembleia Delegada, ainda e sempre prejuízo da salutar indepen-

dência, directa e formal, dos eleitores.

Assalta-nos porém a dúvida sobre se os clubes no longo do ano se recordam que, num órgão da relevância daquela Assembleia, existem representantes (globais), que de si se desentranharam, e que são os porta-vozes institucionalizados do diálogo do pensamento das células-base.

A escassa utilização do diálogo informal, no primeiro caso, e a falta de colaborante accionamento de estruturas, no segundo, ou a utilização é accionamento eivados de preconceitos, ou para finalidades menos objectivas e mais sectoriais, pode conduzir à criação de situações sensíveis, propensas à incompreensão, e, enfim, à desvalorização do interesse e do esforço que sabemos todos estarmos empenhados em dar.

Mas, estas palavras de despretenhosa reflexão não têm os clubes como destinatários únicos.

Efectivamente, em cada momento do seu mandato de gestão, o órgão executivo duma Federação deve funcionar, além do mais, como receptor de informações, como máquina de selecção e análise de dados, como, finalmente, agente impulsionador de permanentes reformas e adaptações.

E tudo e sempre sem esquecer que a primeira tentação a que deve resistir é a de modificar por modificar, de alterar para se afirmar, e de que a primeira orientação «filosófica» que deve prefigurar estará em não viver para si, mas para a consecução de objectivos que, no interesse geral, impõe-se haja traçado.

Aqui fica o «recado» para todos nós, não tanto para agora mas muito mais para que possa ser ouvido durante a época que se iniciou e que se augura de útil e progressiva.

A DIRECÇÃO DA F.P.R.



Foi deste lote de jogadores que saiu a Selecção Nacional que na temporada passada se deslocou a Inglaterra. Esta época, para o Campeonato FIRA, alguns irão manter-se, outros aparecerão.

PARA QUE O REGRESSO À FIRA SE FAÇA COM A MAIOR DIGNIDADE

PEDRO LYNCE DE FARIA

O regresso da equipa representativa de Portugal ao Torneio da FIRA na categoria senior constitui uma decisão que acarreta enormes responsabilidades, para as quais achamos útil chamar, desde já, a atenção de todos, especialmente dos técnicos e jogadores.

Tecnicamente, as equipas que vamos defrontar estão ao alcance da equipa nacional, desde que esta se encontre em «forma». Isto só será possível, porém, através de um trabalho planificado, pois para lá de tudo, os últimos jogos, precisamente os que se disputarão fora de «casa», e com um intervalo de dois dias, serão realizados numa altura da época (Maio) em que a maior parte dos nossos jogadores começam a apresentar sintomas de saturação, a que se alia, normalmente, uma mais intensa actividade escolar.

Pela indicações recolhidas, os adversários mais fortes deverão ser a Bélgica e a Suécia, enquanto a Suíça e a Dinamarca apresentarão, decerto, equipas de nível mais baixo.

Não nos iludamos sobre o valor dos adversários, pois os problemas que vamos encontrar serão idênticos aqueles que se nos depararam quando da digressão às Ilhas Britânicas, ainda que tecnicamente, agora, se tratem de equipas mais fracas. De qualquer forma, e a título de exemplo, refira-se que no jogo Suécia-Bélgica as segundas linhas

belgas tinham de altura 1,92 e 1,95 m enquanto os suecos mediam 1,86 e 1,88, em lugares idênticos, apresentando os dois grupos de avançados uma excelente planta física.

SITUAÇÃO NO GRUPO C

Disputados três encontros do nosso grupo do Campeonato da FIRA, a Suécia, a quem só falta defrontar Portugal, comanda, totalizando, quatro pontos, resultantes de duas vitórias. A primeira registou-se em Setembro sobre a Dinamarca (20-4). Depois da publicação do primeiro número de «R-R» os suecos receberam a Bélgica e perderam, por 7-0, e duas semanas depois foram à Suíça triunfar, por 7-4.

No momento, portanto a classificação está assim ordenada: 1.º Suécia (3 jogos, 4 pontos); 2.º Bélgica (1, 2); 3.º Suíça (1-0); 4.º Dinamarca (1, 0); 5.º Portugal (0, 0).

Tendo presente os erros ou falhas havidas em épocas anteriores, sem esquecer a situação económica do país e a qualidade totalmente amadora dos nossos atletas, foi traçado um plano de preparação que, na sua es-

sência visa atingir um maior ritmo de trabalho, tanto individual como colectivo. Nesta perspectiva, foi possível aprovar um calendário de competições internas que tivesse em conta os compromissos internacionais.

Pela primeira vez vai realizar-se um Torneio Inter-Regional, no qual participará igualmente a selecção nacional, e que irá servir de para a sua preparação. Como particularidade, refira-se que todos os jogos a realizar pela equipa nacional serão no campo do adversário, o que para além do treino, servirá, igualmente, como propaganda da modalidade.

A juntar a este torneio haverá ainda a considerar a realização de jogos contra equipas inglesas. Teremos, assim, oito jogos-treinos, 16 treinos técnicos e físicos, alguns deles integrados em estágios, onde serão realizados testes individuais, fazendo parte das sessões de campo previstas para a preparação da equipa nacional.

Paralelamente, tentar-se-á obter uma melhoria das qualidades técnicas individuais, quer através da realização de testes e de um torneio individual, como ainda pela atribuição de prémios à melhor execução técnica.

Estamos esperançados que o cumprimento deste plano permita que o regresso da equipa nacional ao Campeonato da FIRA se processasse com a maior dignidade. ■

RUGBY SUECO ESTÁ AO NOSSO ALCANCE

Iniciamos, a partir deste número de Rugby-Revista, uma breve «ronda» pelos adversários de Portugal no Grupo C do Campeonato da FIRA. Dos quatro países com que disputaremos, esta temporada, o torneio, dois há de que, em Portugal, pouco ou nada se sabe em termos de rugby: a Suécia e a Dinamarca.

É precisamente o rugby sueco que aqui iremos tratar, para abrir a série. Não é, diga-se desde já, um trabalho exaustivo, mas tão somente uma «pincelada» que poderá permitir ter uma idêia do que é a modalidade naquele país nórdico.

Antes de mais, deve referir-se que o que aqui foi escrito na apresentação do campeonato se afigura, neste momento, após um conhecimento um pouco nada profundo do nível da modalidade na Suécia, se confirma. Isto é, a seleção escandinava está, à partida, perfeitamente ao alcance de uma equipa portuguesa em condições normais.

Na realidade, para lá do índice atlético, do poder físico, o nível dos jogadores suecos não pode dizer-se que seja muito elevado. A sua técnica, de uma forma geral, situa-se, mesmo, em plano modesto. Mais entusiasmo que esclarecimento, mais força que

técnica caracterizam, com efeito as suas equipas de primeiro plano.

Não quer isto dizer que não haja na Suécia jogadores de bom nível. É claro que existem, que há técnicos e atletas imaginativos. Mas são poucos e não pode, por eles, aferir-se a qualidade geral.

CLUBES SÃO 38 JOGADORES DOIS MIL

O rugby sueco apresenta algumas semelhanças em relação ao português. Tal como cá, com efeito, o número de clubes e jogadores tem vindo a aumentar nos últimos anos, mas o nível do jogo tem vindo a decair. Na Suécia como em Portugal, é uma modalidade com pouca adesão em termos de público. De resto, naquele país, tirando o hóquei sobre gelo, todas as restantes têm uma relativa aceitação. Mesmo o futebol só excepcionalmente consegue mobilizar mais de cinco ou seis mil espectadores em jogos do campeonato da I divisão.

O rugby terá a aceitação de que disfruta no nosso país. Excepcionalmente consegue reunir algum público, mas caricaturando um pouco, na maioria dos casos, são mais os que estão dentro de campo que fora dele, o que até certo ponto se pode considerar positivo.

Mas ao contrário do que sucede em Portugal, os clubes suecos estão muito menos localizados que no nosso país. Não existem grandes concentrações de praticantes, embora na Scania, zona onde Portugal jogará, existem bastantes clubes, dispersos, no entanto, por várias localidades. Trelleborg, por exemplo, local onde a selecção irá actuar (situada a cerca de 20 quilómetros ao sul de Malmo) dispõe de um único clube.

O entusiasmo dos jovens pelo rugby é grande é nesse sector que os esforços estão a ser dirigidos pela federação. O número de equipas e de jogadores tem vindo a aumentar nos escalões mais novos o que abre excelentes perspectivas.



Esta imagem do rugby sueco (Nilsson, do Malmö, em evidência) sugere que, apesar da técnica não ser o forte dos nórdicos, por lá também há jogadores habilidosos.



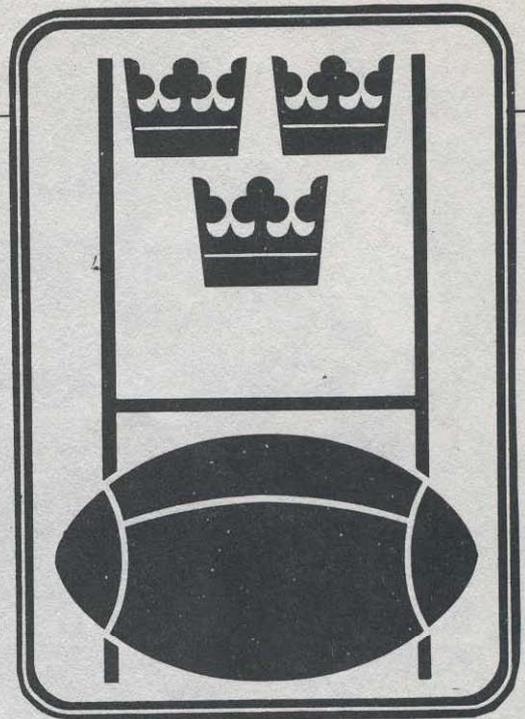
Os avançados suecos jogam duro, tirando partido do seu poder físico.

ÉPOCA DE MAIO ATÉ OUTUBRO

Portugal irá jogar na Suécia no começo da temporada. Lá a época inicia-se no final de Abril, principio de Maio (o jogo está marcado para o dia 17 de Maio) é interrompida no mês de Julho e termina no final de Outubro, durando, portanto cerca de cinco meses.

A nível nacional disputam-se três campeonatos, de outras tantas divisões, a Taça da Suécia e naturalmente a prova de juniores. Os escalões juvenis não disputam campeonatos, funcionando um pouco à semelhança do que por cá se passa. Isto é, jogam a nível regional, fazendo «convívios» ao longo da época.

A traços gerais, e à laia de apresentação, aqui ficam as impressões recolhidas localmente, em contacto directo mas, naturalmente, um pouco superficial, com o rugby sueco. Adiante-se, que na Suécia, nos meios



ligados à modalidade a curiosidade sobre o rugby português é grande, mas que lá talvez se saiba um pouco mais sobre nós do que aqui sobre eles.

A Bélgica é considerada como a favorita do nosso grupo, principalmente depois de ter jogado (e ganho por 7-0) em Enköping, no passado dia 18 de Outubro.

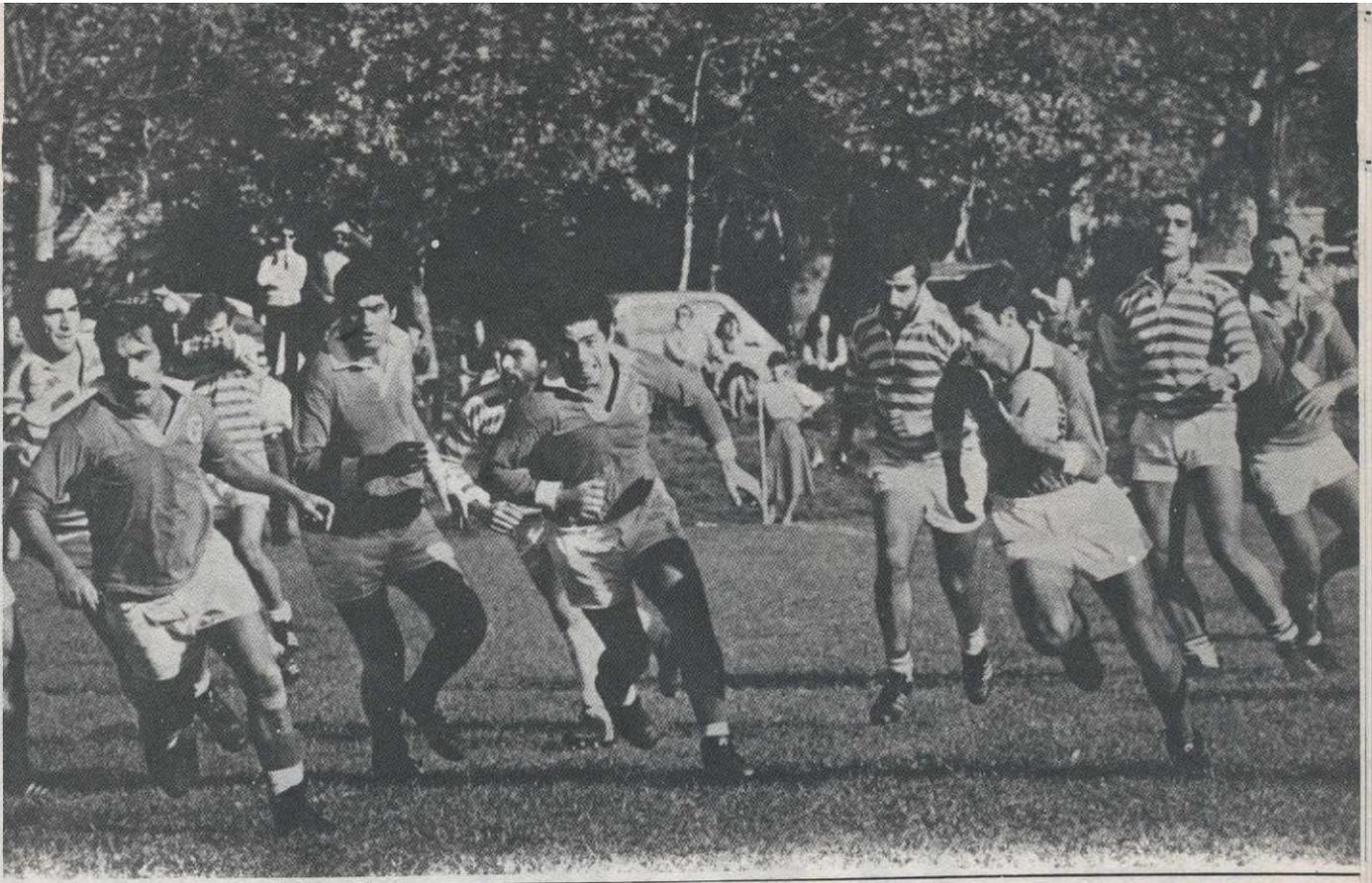
Refira-se, como curiosidade que o actual campeão é o Enköping Rugby Klubb, que venceu o «nacional» terminado no passado dia 11 de Outubro. No que diz respeito aos juniores, o título foi conquistado pelo Malmö Rugby Club



Esta a selecção da Suécia que participou, na temporada passada, no Grupo B do Campeonato da FIRA. A foto refere-se ao «quinze» que defrontou a Espanha.



O encontro CDUL-Benfica — a que se referem as imagens — constitui-se como que uma final da edição de 1980/81 do Torneio de Abertura. Na realidade, foi nesta partida que a atribuição do primeiro lugar se decidiu, favor dos «encarnados». Superiores no sector avançado conseguiram por aí, «aguentar» o jogo dificultando a acção do seu adversário. No «nacional», que se vai iniciar, o «duelo» entre estes dois «quinze» dominaram, or certo a prova, no que diz respeito ao titular. Pelo menos essa indicação que ficou do Torneio de Abertura.



O Benfica dominou os seus adversários no Torneio de Abertura há pouco terminado. na foto uma fase da partida com o Agronomia.

O BENFICA VENCEU TORNEIO DE ABERTURA

ANTÓNIO AGUILAR

Regressando a uma tradição antiga, o figurino das provas oficiais desta época impôs aos seis primeiros classificados do «Nacional» da I divisão do ano anterior a disputa do Torneio de Abertura. Após a sua conclusão, no passado dia 9, e em jeito de radiografia, tentaremos, tanto quanto possível, dar uma imagem da prova, da presença dos clubes e através das exibições das equipas tentar levantar a «ponta do véu» daquilo que poderá vir a ser o «Nacional» que se vai iniciar.

Nas cinco jornadas realizadas, Benfica e CDUL superiorizaram-se aos restantes classificando-se nos primeiros nos dois primeiros lugares por esta ordem, vencendo com menores dificuldades do que se previa os adversários que lhe foram aparecendo, utilizando concepções de jogo diferentes, que têm a ver com o nível técnico e capacidade atlética dos jogadores que compõem os seus «quinzes».

O triunfo do Benfica nesta prova foi decidido na 4.ª jornada, quando os dois rivais se

encontraram pela primeira vez esta época, e que os «benfiquistas», muito autoritariamente, mercê da superioridade física e técnica do seu «pack» avançado (pelo menos neste jogo), venceram sem margem a reparos. Não é novidade para ninguém que os jogos se começam a ganhar na primeira-linha e que sem uma boa avançada não há três-quartos, por melhores que eles sejam e possam jogar. Este CDUL-Benfica demonstrou-o cabalmente e, embora cada jogo tenha a sua história, a verdade é que ao Benfica bastou carrilar toda a sua movimentação pelos avançados para se impôr a um CDUL suplantado nos alinhamentos e formações e a cujos três-quartos lhes foram reduzidas as bolas jogáveis.

Em relação ao escalonamento das equipas na tabela classificativa, para além da justiça da atribuição dos dois primeiros lugares, despontam os dez pontos da Académica e Belenenses (3.º e 4.º lugar), se atendermos à renovação nos quadros de jogadores que atravessam estes dois clubes, a demora do «quinze» de Agronomia em passar de «esperança» a certeza do rugby nacional e as cinco

derrotas, e correspondente último lugar, do Direito. A uma semana do início do Nacional da I divisão e face ao comportamento das equipas nestes jogos de preparação e à

RESULTADOS

1.ª Jornada — Belenenses, 11-CDUL, 15; Académica, 14-Benfica, 18; Direito, 9-Agronomia, 10.

2.ª Jornada — CDUL, 16-Académica, 7; Agronomia, 4-Belenenses, 26; Benfica, 14-Direito, 4.

3.ª Jornada — Direito, 0 — CDUL, 10; Académica, 12-Belenenses, 12; Agronomia, 6-Benfica, 7.

4.ª Jornada — CDUL, 4-Benfica, 7; Belenenses, 17-Direito, 12; Académica, 19-Agronomia, 12.

5.ª Jornada — Agronomia, 3-CDUL, 32; Benfica, 37-Belenenses, 4; Direito, 3-Académica, 17.

	J	V	E	D	P
1.º Benfica	5	5	—	—	15
2.º CDUL	5	4	—	1	13
3.º Académica	5	2	1	2	10
4.º Belenenses	5	2	1	10	
5.º Agronomia	5	1	—	4	7
6.º Direito	5	—	—	5	5

laia de previsão — sempre algo subjectivo este tipo de raciocínio — poder-se-á dar a conhecer, na suposta luta pelo título, os possíveis candidatos sem não esquecer por



As linhas atrasadas do CDUL — em foco na imagem — como de resto o «quinze», de uma forma geral, não atingiram ainda a «forma» que fez delas (equipa) campeã nacionais na temporada passada, tendo rubricado, no entanto, algumas exibições que se têm de considerar positivas.

via e dever do seu papel os outros «parceiros» que estarão em prova e quantas vezes a interferir na corrida à vitória final. Sob o nosso ponto de vista o Campeonato deste ano terá, à partida, como mais fortes candi-

datos ao título, o Benfica e o CDUL. As exibições já efectuadas e o número e qualidade dos seus jogadores assim o justificam. Pensamos que farão uma prova à parte, embora e sempre condicionados pelos outros clubes. Seguindo a escala à parte de valores cremos que a Académica de Coimbra, a atravessar uma fase de renovação, mas já com alguns bons valores, bem como o regresso do Técnico que registou algumas aquisições, desde que melhore a produção dos seus três-quartos, têm ambos hipóteses de constituir uma segunda linha de candidatos. O trio constituído pelo Belenenses, Agronomia e Direito é caracterizado por muitos altos e baixos, capazes do melhor e pior jogo os jogos que disputarem poderão trazer algumas surpresas e como tal interferirem, também eles, na decisão final.

Aguardemos o desenrolar da prova. Jornada a jornada será desmentido ou confirmado parte daquilo que atrás referimos. Esperemos que no campo se prove o contrário do que escrevemos, o que seria um bom indício — para o bem e o progresso do rugby português!



Esta a equipa do Benfica vencedora do Torneio de Abertura.

PETROGAL 5

super

GALP



na competição do dia a dia
lubrificantes
GALP

SELECÇÕES COM DIFICULDADES

Integrado no plano de preparação das selecções nacionais seniores, e paralelamente à actividade do I Torneio Inter Regional, disputaram-se no fim de semana correspondente a 15 e 16 de Novembro, os jogos Centro/Norte-Seleção Nacional e Lisboa-Seleção de «Esperanças», ganhos pelas representações nacionais. No primeiro, disputado em Coimbra por 29-11, e no segundo, realizado no Estádio Nacional, por 23-17.

Deve dizer-se, antes de mais, que nos dois casos, os objectivos em vista foram alcançados. Isto é, a movimentação de gente nova fez-se, a jornada decorreu com muito entusiasmo as duas selecções tiveram de se empregar a fundo para obter o triunfo.

SELECÇÃO NACIONAL APARECEU NA 2.ª PARTE

No encontro de Coimbra, embora a equipa nacional tenha exercido certo domínio durante quase a totalidade do tempo, o certo é que só «apareceu» na segunda parte. Nos 40 minutos iniciais ressaltaram inúmeras deficiências, naturais, adiante-se, principalmente na ligação.

A equipa desfalcada de algumas «pedras»

que em princípio nela têm lugar, actuou de forma algo incerta, permitindo que inclusivamente, a equipa do Centro/Norte (que do Norte não tinha representantes, pois o CDUP disputava no dia seguinte importante e decisivo jogo) chegasse ao intervalo a vencer por 8-6.

Na segunda metade da partida, a selecção «encontrou-se» e, fundamentalmente, mercê da acção dos avançados, acabou por triunfar de forma clara.

Sob arbitragem de Jaime Sequeira as equipas alinharam e marcaram:

CENTRO/NORTE — Vitor Pereira, Gil (3) e Armando (F. Pinho); João Ferreira (Pires) e Brito Rosa; Murta (4), Luís Carlos e Papique; Maleitas (Jonet) e Marta; P. Corvelo (4), Corvelo, Manuel Costa e Honorato; Alcino.

SELECÇÃO NACIONAL — Macieira (4) (Matos Lopes), Ernesto e João Carlos; Faustino Olgário Borges (4); Luís Sequeira (Olgário Borges), Bernardo e Fernando Santos (4.4); Pinto Magalhães e P. Eiró (2) (Rui Muralha); Roxo (4), Paisana, Totas e António Moita; Manuel Costa (2.3.2).

«ESPERANÇAS» GANHAM NO ÚLTIMO MINUTO

Entretanto, no dia seguinte, no Estádio Na-

cional, jogou-se a partida Lisboa-«Esperanças». O equilíbrio foi a nota dominante e a atestá-o está o facto da equipa, em princípio mais credenciada, só ter conseguido ganhar (23-17, com 9-4 ao intervalo) no últimomínuto.

«Quinzes» na sua grande parte constituídas por jogadores jovens — alguns nomes mesmos pouco usuais nestas andanças de selecções, o que constitui um facto bem positivo — proporcionaram uma partida emotiva, embora não se possa considerar que o nível atingido tenha sido brilhante.

Constituiu uma excelente jornada de convívio e cremos que como experiência resultou. As seguintes demonstrarão se esta iniciativa tem «pés para andar sózinha».

Sob arbitragem de João Puga, as equipas alinharam e marcaram:

«ESPERANÇAS» — Tamm, Pedro Gaspar e C. Ferreira; Dentinho e Duarte Silva; Bensaúde, Gracioso e António Ferreira; J. Miranda (3.2.4) e Eiró (2); Tulson (4), A. Miranda, Coelho e Mateus e Moitinho de Almeida (4.4).

LISBOA — Baltazar (Lousinha), Duque (4) e Chicchorro; José Luís e Lopes; João (Armando), Esteves e Mendes; Minhoto (4) e José Luz; Botelho (4), Amaral, Vasco Lynce e João Miguel; e Bessa (3.2).

TÉCNICO E CDUP NA I DIVISÃO

O técnico (como se previa) e o CDUP (de forma algo surpreendente) qualificaram-se para a disputa do «Nacional» da I divisão, ao classificarem-se, respectivamente em primeiro segundo lugar no Torneio de Apuramento.

A fase final desta prova, em termos competitivos mais importantes, pode dizer-se, que o Torneio de Abertura, sofreu, principalmente nas duas derradeiras jornadas, saudáveis «sobressaltos». Com efeito, no final da quarta ronda, tudo indicava que o Técnico e CDUP seriam os apurados. No entanto, no domingo seguinte o RC Coimbra foi ao Porto bater os «universitários» aparecendo, então, em excelente posição para garantir a passagem. Para tanto bastava que os «engenheiros» não perdessem no último dia em Lisboa com os portuenses.

Mas, um tanto ou quanto surpreendente, o que pouca gente acreditava aconteceu: o CDUP ganhou mesmo e de maneira a não

deixar dúvidas a ninguém. Desta forma e porque, entretanto, o RC Coimbra também ganhou ao Cascais ficaram as três equipas empatadas com 14 pontos, no primeiro lugar.

No desempate a prejudicada foi a equipa de Coimbra e isto porque segundo o RGC em vigor (o número 1 do artigo 45.º «a equipa com menor pontuação punitiva proveniente de jogadores castigados por acções em jogos desses torneios» ganhará o desempate. Ora como o RC Coimbra teve um jogador expulso e castigado, no encontro do Porto, disputado com o CDUP, ficou imediatamente afastado da possibilidade de obter um dos dois primeiros lugares, pois tanto o Técnico como o CDUP não sofreram qualquer castigo.

Assim, tal como o Direito, na época passada deixou «fugir» o título nacional de Juniores, o RC Coimbra, pelo mesmo motivo, perde a oportunidade de subir à divisão. Há actos irreflectidos que se pagam caros... ■

RESULTADOS

1.º Jorn. — Técnico, 22 - R. C. Coimbra, 9 e CDUP, 44 - Cascais, 7; 2.º Jorn. — Cascais, 3 - Técnico, 57 e R. C. Coimbra, 6 - CDUP, 7; 3.º Jorn. — Cascais, 0 - R. C. Coimbra, 8 e CDUP, 4 - técnico, 19; 4.º Jorn. — R. C. Coimbra, 12 - Técnico, 6 e Cascais, 3 - CDUP, 24; 5.º Jorn. — CDUP, 9 - R. C. Coimbra, 12 e Técnico, 42 - Cascais, 10; 6.º Jorn. — Técnico, 8 - CDUP, 17 e R. C. Coimbra, 32 — Cascais, 9.

	J	V	E	D	P
1.º Técnico	6	4	—	2	14
2.º CDUP	6	4	—	2	14
3.º R. C. Coimbra	6	4	—	2	14
4.º Cascais	6	—	—	6	6



«Um dos problemas das equipas portuguesas é a falta de hábito de jogar sob pressão».

«QUINZE» NACIONAL DE JUNIORES

JOÃO PAULO BESSA

Como vem sendo habitual, o principal objectivo da selecção de Juniores é a participação no Torneio FIRA 81. Onde, como também é habitual, os franceses mandam a seu bel-prazer avisados que o seguro... Vem isto a propósito para dizer que, com a fórmula utilizada, países como o nosso — tradi-

que, não constituindo um fim em si mesma, deve ser pensada como meio. Meio cujo fim será a Selecção Nacional de Seniores, representante máxima do desenvolvimento da modalidade, em cada momento. Inferindo-se daqui, logicamente, que caberá à Comissão Técnica Nacional o estudo

COMO JOGAR AO NÍVEL INTERNACIONAL

Se a estratégia do rugby é marcar ensaios, a tática para qualquer selecção portuguesa — e nisto parece que estaremos todos de acordo (o problema estará na escolha das técnicas adequadas) — consiste no

TRANSFORMAR-SE NUMA MANADA DE GARRAIOS

cionalmente mais fracos na modalidade — são obrigados a defrontar logo na primeira jornada, uma das formações mais fortes do Torneio, com a conseqüente carga emocional e quase sem qualquer hipótese de encontrar «quinzes» de nível semelhante, que permitiram uma mais correcta aferição do valor e da evolução da nossa representação. Já para não falar na escada subida pelo avesso... mas adiante, que mais vale tecer estas malhas do império, que nenhuma.

De qualquer forma, a primeira questão a esclarecer, em relação a uma selecção de juniores — como aliás em relação a qualquer outra selecção étnica — é a de

e a decisão sobre tática e, o mais importante, e técnicas, a eleger para a realização de um trabalho continuado e sistemático, que possibilite a aprendizagem e experiência internacional preparando os jogadores para o voo mais alto da Selecção Nacional. Não chegámos ainda aí, mas a boa vontade de conversas e encontros demonstram isto mesmo — reconhecimento da necessidade na incapacidade/impossibilidade de a levar à prática. Com calma e a continuada «britanização» do nosso rugby, lá iremos. Com o conseqüente proveito total do trabalho de muita gente.

alargamento do perímetro de jogo, afastando a bola dos avançados contrários em movimentos de envolvimento, tirando partido de uma certa qualidade de manuseamento que, embora mais orientado para o esteticismo que para a rapidez e precisão, nos tem, aliás, sido reconhecido. O que implica, desde logo, uma atitude fundamental e pouco disciplinada entre nós. APOIO!

Percebendo-se porquê, quando se detecta a questão primordial no salto do nível interno para o conforto internacional: falta de hábito de jogar sob pressão! Com um segundo ponto ressaltando directamente do primeiro:

◀ falta evidente de condição física. Habitados a jogar à vontade para quê condição física?

Daqui os erros, incapacidades e falhas de controle ou de decisão. E não sendo os treinos da selecção que poderão alterar seja o que for destes aspectos, clubes, treinadores e jogadores ficarão com a responsabilidade da palavra decisiva. Nomeadamente jogadores com pretensões internacionais, a quem se tem de exigir preparação mais intensiva e uma atitude mais correcta em termos de filosofia de jogo.

QUE TÉCNICAS ELEGER?

O alinhamento continua a ser o «cancro»

excepto se conseguirmos criar o número suficiente de combinações capazes de manter a oposição em constante dúvida.

No que diz respeito à formação ordenada, desenvolvimento das técnicas de «travamento» com especial recurso à «tripla» (travar/talonar/avançar) garantindo, assim, a conquista da bola em condições de utilização efectiva. As saídas da terceira-linha pelo lado esquerdo, transformando favoravelmente as eventuais rotações impostas pelo adversário, devem ser consideradas como meio de retirar pressão sobre as linhas atrasadas.

Nos reagrupamentos eleição do «ruck» co-

variações criativas capazes de confundir o adversário. Utilização, para o jogo ao pé, da «caixa» do lado fechado por mais ofensiva e mais segura que outras «caixas». E, principalmente, treino, muito treino, de situações de contra-ataque numa perfeita sincronização do três-de-trás, naquilo que pode ser a melhor arma da selecção. Contra-ataques que implicam duas condições prévias: pressão e placagem tem sido apanágio das representações nacionais, a pressão é ainda uma «quase desconhecida» para a maioria dos jogadores. Mas que, juntamente com a apoio, constituem as três atitudes básicas para iniciar a tradução da táctica pretendida



«A placagem tem sido um dos apanágios das representações nacionais».

das participações internacionais dos «quinze» portugueses. Faltam-nos saltadores competitivos, como as «torres» de outros países, falta-nos disciplina para uma protecção eficaz, falta-nos vontade para sugeitar o opositor ao amargo de uma pressão constante. Soluções?! Na teoria, organização e criatividade. Na prática (mais difícil...), utilizando o primeiro saltador numa coordenação perfeita com o lançador (bola rápida e tensa) e recurso ao final do alinhamento. Como melhor arma a variedade que, em minha opinião, deverá ser procurada por outras formas que não a sistemática redução numérica trocas de saltadores, manobras de diversão, diferentes tipos de lançamento, etc.)

mo forma ideal, por mais adequada às características físicas dos nossos avançados (só o grande peso se pode dar ao luxo de optar pelo «maul»).

Quanto aos três-quartos, com grandes responsabilidades no conceito expresso, o principal trabalho deve residir no desenvolvimento e domínio do «passe de chicotada» para a realização de rápidas transmissões aos pontas — o «salto» pode ser a combinação por excelência — possibilitando-lhes espaço de manobra suficiente para colocar a bola à frente dos avançados. Recurso sistemático à intercalação (domínio do tempo exacto) quer do defesa, quer do ponta. Desenvolvimento de ataques pelo lado fechado

com recurso ao defesa e aos centros em na prática do jogo. Aqui, ter-se-á que apostar forte!

OS GARRAIOS

Procurar o quê? Que tipo de jogadores? Jogadores capazes de correr oitenta minutos, e se baterem em cada metro do terreno, de apoiarem, de continuarem o jogo a até aos limites do possível. Capazes de traduzir em jogo a vontade e a irreverência de quem é jovem... para o que é preciso condição física! Uma excelente condição física!

Os jogadores terão, evidentemente, apri-meira e a última palavra. Deles apenas, depende o transformarem-se, dentro do campo, uma manada de garraios. ■

PREVENÇÃO (II) DURANTE O JOGO

PETER HUGHES *

O rugby é um jogo de movimento. Contrariamente a algumas sequências passadas na televisão não é um jogo em câmara lenta que possa ser repartido em fracções de segundos. Não é um jogo apenas de opostos — há muitas zonas intermédias. A arbitragem consiste justamente em decidir sobre aquilo que «é» e aquilo que «não é». Estes juízos têm que ser feitos de imediato, no calor da disputa, sendo muitas vezes dificultados pela movimentação dos jogadores e não havendo possibilidade de recurso à fita métrica, ao cronómetro ou no sextante.

Em consciência, mesmo o melhor árbitro se vê por vezes na situação de não saber ao certo se um jogador estava «off-side» ou não: se a placagem foi ou não feita fora de tempo; se a bola foi ou não a direito. Claro está que só deverá apitar para marcar falta quando tiver a certeza de que houve infracção e nunca por mera suspeita. Contudo, muitos jogadores poderão revelar certa astúcia e o árbitro não deve ser ingénuo a ponto de pensar que os referidos jogadores não «tentarão a sua sorte» durante o jogo que está a dirigir.

Uma das partes mais difíceis da arbitragem respeita aos momentos iniciais do jogo quando os jogadores de maior experiência ensaiam «até onde podem ir». Na gíria do rugby moderno chama-se a isto, um tanto eufemisticamente, «jogar até ao limite permitido pelas regras».

Um jogador está «off-side» quando se encontra 5mm, 50mm ou 1 metro à frente da linha de «off-side»? A bola não é lançada a direito para a formação quando o desvio é de meio grau, de um grau ou de cinco graus? Sem o recurso imediato a equipamento científico haverão, portanto, ocasiões em que o

árbitro não pode estar absolutamente certo. Um jogador que saiba que pode conseguir vantagem não jogando estritamente de acordo com as regras avançará provavelmente um pouco mais, fará a placagem um segundo mais tarde ou abrirá um pouco mais o ângulo. Acaba por chegar-se à situação em que o mesmo árbitro de vistas mais curtas detetará a infracção e o jogo terá que ser interrompido para a marcação de falta. É de longe preferível para o bom andamento do jogo que nestas situações incertas, em que o árbitro não está absolutamente seguro, se diga uma palavra ao possível infractor como: «você está a aproximar-se muito do off-side», ou «tenha cuidado com o tempo, a placagem está a ser feita com atraso», ou ainda «espero que bola vá direita ao meio do tunel». Observações deste tipo deverão dissuadir o jogador de ultrapassar aqueles limites que dão inevitavelmente origem à marcação de falta.

(a) PONTAPÉ DE SAÍDA

Assegure-se de que todos os jogadores do lado de quem começa se encontram atrás da bola. Uma palavra tranquila ou um pequeno movimento com a mão evitarão ao árbitro ter que apitar por «off-side» logo a seguir a ter dado início à partida. Uma olhadela por cima do ombro evitará, também, que qualquer jogador esteja «off-side» fora do campo de visão.

Depois de marcado um ensaio, uma observação calma feita ao rematador deverá eliminar qualquer tentativa de reposição da bola por meio do remate errado, evitando ao árbitro ter que interromper o jogo. Quando regressamos ao centro do terreno, depois da conversão, relembro sempre o tipo de pontapé exigido apontando para cima para um pontapé de ressalto e para baixo para um pontapé colocado.



(b) PONTAPÉ DE RESSALTO PARA FORA

Medidas semelhantes podem ser tomadas para evitar o «off-side» num pontapé de ressalto para fora:

Ocasionalmente um jogador chegará à linha de 22 metros para tentar um rápido pontapé de ressalto para fora.

Os adversários poderão aproximar-se dele para impedirem o remate súbito. Antes de atingirem a situação de obstrução, uma pequena frase como «dêem-lhe espaço» evitará a necessidade de marcação de falta.

No pontapé de ressalto para fora formal, os adversários que marcam o jogador que remata e que se encontram por detrás da linha muito antes do rematador iniciar o pontapé podem ser obrigados a recuar, o que evitará que o árbitro tenha que apitar e mandar repetir a marcação.

(c) PONTAPÉ AOS POSTES

Medidas semelhantes às que foram usadas para o pontapé de ressalto para fora podem ajudar a evitar o «off-side».

Nesta situação uma pequena observação feita aos jogadores adversários será suficiente para que se mantenha por detrás de uma linha paralela às linhas de meta, a 10 metros da marca, evitando assim o avanço obrigatório do pontapé de penalidade para 10 metros mais à frente.

Da mesma forma o jogador adversário que esteja com as mãos acima da cabeça ou atrás do pescoço em vez de as ter imóveis dos lados do corpo pode ser corrigido por meio de um gesto discreto.

Se o rematador der a impressão de estar a levar um tempo excessivo na preparação do pontapé um pequeno aviso para que se apresse poderá evitar a necessidade de anulação do remate.

* Árbitro internacional inglês membro da Comissão Distrital de Manchester

(d) PONTAPÉ LIVRE

Também aqui as medidas usuais podem evitar o «off-side» de jogadores da equipa que vai marcar a falta e que se encontrem colocados à frente da marca.

Uma das movimentações mais utilizadas na marcação de pontapé livre envolve o «pivot» que se coloca lateralmente em relação ao jogador que vai marcar a falta. Assegure-se de que o «pivot» se encontra atrás da bola, fazendo-o recuar caso não esteja antes da marcação da falta. Isto evitará a necessidade de ordenar uma formação. Tendo assinalado um pontapé marque o local e retire-se imediatamente para que a equipa que beneficia do castigo possa marcá-lo sem demora. Isto evitará qualquer frustração por parte da equipa beneficiada que poderá tirar vantagem da desorganização da defesa adversária.

Se um jogador quiser saber o local exacto da marcação, indicá-lo sempre, uma vez que isso evitará o embaraço de ter que interrom-



per o jogo e ordenar uma formação. Da mesma forma, se um jogador estiver para cobrar a falta no sítio errado, uma pequena observação poderá evitar isso e a consequente necessidade de uma formação.

(e) PONTAPÉ DE TRANSFORMAÇÃO DEPOIS O ENSAIO

Se um dos jogadores adversários não se encontrar por detrás da linha de meta, uma pequena observação ou um gesto podem resolver a questão enquanto se fazem os preparativos para a marcação do pontapé, evitando a necessidade de repetição do remate.

Se houver suspeita de demora excessiva na execução do remate um aviso prévio pode evitar a anulação do mesmo.

Se houver uma carga fora de tempo mas mesmo assim a marcação resultar, uma palavra aos jogadores em causa poderá, possivelmente, levá-los a não repetir a carga. ■

(CONTINUA)

o número **3**

de



é posto à venda

no dia

20 DEZEMBRO
nos locais seguintes:

LISBOA — Estádio Universitário/Havaneza das Avenidas (Av. Duque d'Ávila, 32)

COIMBRA — Estádio Universitário/Clube de Rugby/Tabacaria Parque (Praça da República, 1)

LOUSÃ — Papelaria Magro (Av. Coelho da Gama)
E NOS COMITÉS

«GRALHAS» EM FORÇA

Gostáramos que o número de abertura de «Rugby-Revista» não tivesse apresentado «gralhas». Mas, como facilmente todos os que o leram atentamente se aperceberam, não conseguimos fugir ao «flagelo».

De uma forma geral elas «poisaram» de forma inofensiva, isto é, percebia-se facilmente que eram precisamente «gralhas» algumas incorrecções surgidas.

No entanto, no artigo do nosso colaborador Vasco Pinto de Magalhães algumas adulteraram o sentido do texto. Daí a necessária correcção.

Assim, na segunda coluna, na sétima linha deverá ler-se «em que estamos ainda empenhados...», e não «sem que estamos ainda empenhados...». Na terceira coluna, no ponto 105, houve um «salto», faltando uma linha (integrada, agora, em itálico): «Como é evidente que um só bom avançado não pode bater o «pack» adversário ou como é fácil de cobrir quando todo o jogo é canalizado para um...»

...PILAR

Sob autorização da RFU/Rugby Post, iniciámos, neste número, e conforme anunciámos há um mês, a publicação em Rugby Revista, de uma série de 10 artigos (cada um correspondente a uma posição dentro de um «quinze») de autoria de Don Rutherford e P. J. Colston, originariamente vindos a lume nas páginas do jornal da Federação Inglesa. O Pilar, ou melhor, essa posição abrirá a série.

D. RUTHERFORD/P. J. COLSTON
(Rugby Post)

Esta série de artigos não são definitivos nem pretendem sê-lo. O seu objectivo é estimular as ideias acerca das técnicas posicionais aplicáveis a cada jogador de uma equipa de rugby. Não esperamos, necessariamente, que todo e qualquer treinador, ou jogador, aceite as opiniões que expressamos, designadamente no que respeita aos exercícios sugeridos e programados de preparação física — cada um poderá ter ideias melhor adaptadas às suas necessidades.

Partimos do princípio de que um treino a sério e um programa de prática por sectores têm lugar duas vezes por semana e de que cada treinador poderá imaginar outros exercícios.

REQUISITOS PRINCIPAIS

Poder
Técnica para o aplicar
Durabilidade mental e física

PRIORIDADES TÉCNICAS BÁSICAS

JOGO À MÃO

Receber e executar um passe curto
Controlar, desfazer um «maul» descolocando-se rapidamente ou rolando
Receber um passe desviado de um alinhamento, incluindo «peel-off»

CORRIDA

Correr com agressividade
Correr depois de um duro esforço físico
Sprint cinco por cento
Ritmo de três quartos 65 por cento
Ritmo de médios 30 por cento

PONTAPÉS

Dribble

CONTACTO

A maior parte da energia é utilizada no contacto
Formação
Apoio no Alinhamento
Maul/Ruck
Placagem a partir de posição próxima
Empenhar-se para garantir «bolas jogáveis»

PREPARAÇÃO MENTAL

Pensar, observar, falar e ler tanto quanto possível acerca do jogo.

Estar ciente das forças e fraquezas da sua equipa, do seu papel nela e, em particular, das necessidades do seu tolonador e avançados o alinhamento.



Analisar os pontos fortes e fracos do adversário em particular, da sua técnica na primeira linha e no alinhamento.

Tomar em consideração a influência que as condições climatéricas poderão ter sobre o tipo de jogo que provavelmente será jogado.

Ao jogar, concentrar-se no jogo durante todos os momentos e desenvolva a atitude positiva e agressiva de que nunca será batido.

EXERCÍCIOS DE PRESSÃO

A maior parte do jogo dos Pilares desenvolve-se em contacto directo com o adversário, devendo organizar-se exercícios para conseguir desembaraço nessas condi-

ções.

Formações, tanto na máquina como com oposição, incluindo:

- Bola da própria equipa e bola da equipa adversária
- Empurrar com oito jogadores
- Rodar e contrariar a rotação da formação

Exercícios de alinhamento, curtos e compridos, com o Pilar: a) a proteger e apoiar os saltadores

- a afastar-se do alinhamento a partir de uma bola batida com a mão
- «Peel-off» a partir de uma bola batida com a mão, tanto para a frente como para a rectaguarda do Alinhamento
- Saltar para agarrar/desviar a bola à frente do alinhamento.

Exercícios de «maul» e «ruck» devem ser organizados:

- Sem oposição, com semi-oposição ou com oposição desde um par até oito contra oito e ainda os médios de formação
- De modo que o «ruck/maul» seja abordado pela frente pelo lado e pela rectaguarda
- De maneira que sejam contemplados todos os papéis do Pilar na realização do «ruck/maul», isto é, desde portador da bola até à sua actuação como flaqueador, cu, de vez em quando, como substituto das linhas atrasadas, quando a bola está na posse da sua equipa ou do adversário; e de tal maneira que o «maul» se desenvolva a partir de:

a) Queda sobre a bola ou apanhando-a do terreno

b) Desapossando um adversário, por meio de torsão, derrube, puxão, elevação, uso do peso do corpo, etc.

c) Bola da sua equipa proveniente de jogador agarrado, alinhamento pontapés, etc. e de tal maneira que o «maul» origine:

- um passe para o médio de formação
- uma situação de «turbilhão» («rolling-off»)

c) um «ruck»

e também que um «ruck» se desenvolva a partir de:

a) bola no chão, solta ou devido a placagem

b) bola na mão

Os exercícios de placagem devem incluir situações:

- em áreas limitadas, tais como alinhamentos «maul/ruck» laterais

b) variando a sua localização no terreno de jogo, incluindo posições perto da sua própria linha de meta

c) incluindo jogadas de pontapé de penalidade curto

d) obrigando o jogador a escolher o tipo de placagem correcto

Os exercícios de passe devem incidir nos passes curtos, em apoio próximo, a partir de diferentes posições do corpo.

TREINO DE PRESSÃO (EXERCÍCIOS)

GENERALIDADES

Certo número de exercícios podem ser

1. CONTACTO (com oposição 1 contra 1 em grupos de 4)

a) O Pilar P passa a bola a A, que deve apanhá-la e segurá-la contra o peito. P dirige-se contra A disputa-lha e repete com B e C. Garantir que A, B e C se mantêm suficientemente levantados para permitir que o Pilar adopte uma posição mais baixa. A resistência oferecida pelos opositores deve ser tal que o Pilar tenha de agir com vigor para disputar a bola, mas de tal modo que o possa fazer em alguns segundos. Repetir conforme for adequado e depois trocar as tarefas.

b) Posições iniciais como em 1. a). O Pilar P passa a bola a A que a coloca junto ao peito. P como pertencente à mesma equipa recebe de novo a bola e fecha-se com ela. Então A tenta:

bi) derrubá-lo, ou

realizado como parte do aquecimento e alguns deles são também benéficos para os outros avançados e mesmo para as linhas atrasadas, da mesma forma, um Pilar beneficiará se tomar parte nos exercícios gerais para os outros avançados.

Alguns dos exercícios incluem jogadores de outras posições mas podem ser realizados com Pilares em sua substituição. Também há outros respeitando ao aperfeiçoamento posicional de outros lugares que incluem Pilares. As posições dos jogadores, no início, devem estar de acordo com a capacidade quer dos que se treinam quer daque-

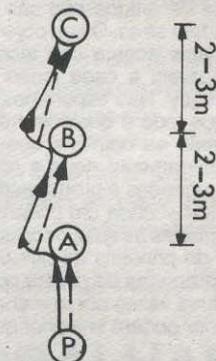
les que fazem oposição, a fim de variar o grau de pressão e assegurar que o ritmo durante o treino seja o mesmo que é exigido num jogo real.

As dimensões de algumas «grades» (1) devem ser alteradas para se adaptarem aos jogadores.

Qualquer exercício deve prever todas as eventualidades, isto é, mão esquerda, mão direita, a partir do lado esquerdo e direito do campo, a partir da frente, do lado, etc.

O objectivo de cada exercício, e o papel que nele desempenham, deve ser claramente explicado aos jogadores que fazem a oposição.

Equipamento: uma bola. Objectivo: praticar condução da bola e o «maul».



bii) fazê-lo rodar

Depois de ter sido rodado ou derrubado ou de ter conseguido manter a sua posição durante alguns segundos, P repete o exercício com B e depois com C.

Repetir conforme for adequado e depois trocar as tarefas.

c) Posições iniciais com em 1. a). A segura a bola volta as costas a P, que o tentará rodar. Após essa rotação, A rolará a bola para B. P repete o exercício, e depois com C.

Os jogadores que fazem oposição devem proporcionar resistência suficiente para fazer o Pilar agir com vigor mas deverão permitir que os voltem, depois de alguns segundos.

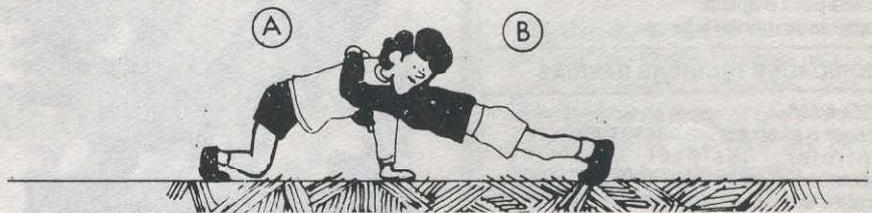
2. CONTACTO (com oposição 1 contra 1)

A adopta uma posição que lhe permita empurrar de baixo para cima, apoiado nos joelhos. B coloca-se em posição de empurrar, completamente estendido, com os braços unidos, em volta de A.

a) B tenta elevar A por movimentos dos pés e elevação da cabeça.

b) B tenta resistir à pressão de A, exercida de cima para baixo.

Equipamento: nenhum. Objectivo: desenvolver a força do pescoço e ombros



3. CONTACTO (com oposição 1 contra 1)

A adopta uma posição de empurrar, completamente estendido, com a bola no solo entre os seus braços.

B adopta uma posição de empurrar mas com os braços à volta de A.

a) B tenta fazer baixar A. A resiste tentando, ao mesmo tempo bater a bola para trás.

Mudar de tarefas e repetir.

b) Como em 3. a) mas com uma das mãos

Equipamento: uma bola. Objectivo: desenvolver a força do pescoço e ombros.



no solo e a outra à volta do adversário. Bola no chão entre ambos.

Ao sinal ambos tentam bater a bola para trás.

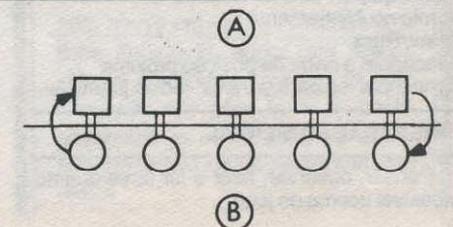
4. CONTACTO (1 contra 1 em grupos de 6-12)

Os jogadores agrupam-se aos pares e colocam-se ao longo de uma linha comum, de frente para o respectivo opositor. Os pares adoptam posições de formação. Os A no ombro esquerdo, os B no direito.

B coloca A sob pressão. A resiste, cede um

Equipamento: nenhum. Objectivo: treino de formação.

pouco e, depois, «ataca» apoiando a cabeça no extremo de B. Depois de um período definido os jogadores interrompem e rodam na direcção dos ponteiros do relógio, para a posição adjacente e repetem com um novo opositor.





6. CONTACTO (3 x 3 x 3, 5 x 5 x 5 e 8 x 8 x 8)

a) Os pilares P formam contra o «pack» A, durante um período de tempo definido e depois correm para uma linha da «grelha» e de 10 m de distância, por exemplo, e executam um certo número de repetições de um exercício, tal como flexões de braços, ou abdominais. Os Pilares formam, então, contra o «pack» B, repetindo o exercício as vezes que forem necessárias. Os «packs» A e B criarão diversas situações aos Pilares — pressão sobre o Pilar direito ou esquerdo, conforme adequado.

Equipamento: nenhum. Objectivo: treino da formação.

b) Como em 6.a) excepto que passam a ser 5 contra 5 (juntam-se dois 2.ª linhas) e o «pack» em treino, continuará a correr para a linha da «grelha» entre cada formação. O exercício deverá agora incluir rotação, empurrão e resistência ao empurrão, com cinco jogadores, com os Pilares sob pressão.

c) Como em 6.a) e 6.b) mas com a formação completa, de novo condicionando o «pack» adversário a criar diversas situações — empurrar, rodar, etc.

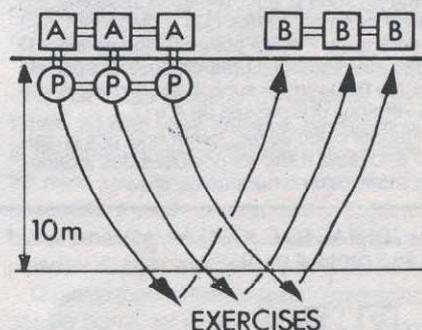
5. CONTACTO (com oposição 2 contra 1)

Equipamento: nenhum. Objectivo: treino da formação sob pressão.

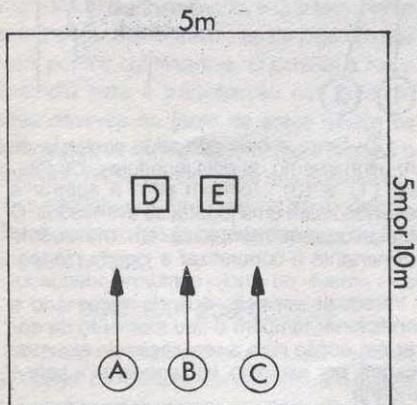
a) Dois Pilares ligam-se, lado a lado, para formar contra um terceiro, tentando empurrá-lo para trás, rodá-lo, etc. O Pilar isolado, que está a trabalhar sob pressão, deve tentar manter uma boa posição, ou, se em posição difícil, reajustá-la.

Adicionalmente deve ser dado ao Pilar isolado uma oportunidade para «atacar» os outros dois — tentar desligá-los, ou exercer pressão sobre eles.

b) O Pilar isolado apoia os pés numa parede ou par volta a formar contra ele. Neste exercício o par de Pilares deve formar um atrás do outro, de modo a que se exerça uma pressão directa adicional sobre o Pilar isolado, isto é, tal como um 2.ª linha ligado a um Pilar. O par tentará mover o outro para cima ou para fora da «formação», enquanto o defensor tentará resistir aos adversários mantendo adoptando uma posição de força.



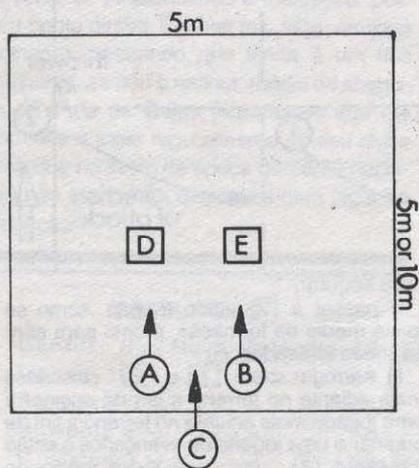
7. CONTACTO (com oposição 3 contra 2)



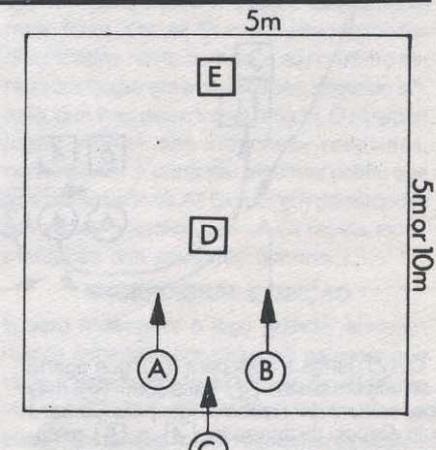
a) A equipa atacante A, B e C, com a bola em seu poder tenta marcar ensaio no limite da «grelha», passando, conduzindo a bola, fazendo «mauls», etc.

O par defensor D e E resistirá, placando, obrigando a «maul», sacando-lhes a bola, etc. Repetir conforme necessário e rodar os jogadores.

Equipamento: uma bola. Objectivo: praticar a placagem e o «maul».



b) Como em 7.a) mas aqui o C só se pode juntar aos companheiros depois de ter completado certo número de exercícios de flexões de braços.



c) Como em 7.b), mas os adversários partem fila. Depois de ter sido batido D só pode juntar-se a E vindo por detrás da sua linha de ensaio. Por outras palavras, a sequência é: A e B «atacam» D, enquanto E espera e C completa as flexões. Quando A e B tiverem batido D, este deve correr para trás da sua própria linha antes de ajudar E

8. CONTACTO (4 x 4, 5 x 5 e 6 x 6)

Equipamento: uma bola. Objectivo: treinar «maul», «ruck» e a placagem.

O exercício deve ser realizado numa área delimitada, uma «grelha» ou «canal» (1) de dimensões apropriadas. Os jogadores começam em posições não definidas, voltados

para a linha de meta do adversário. O treinador lança uma bola para um local qualquer dentro da «grelha». O jogador mais próximo deve agarrá-la ou cair sobre ela — neste caso levantar-se imediatamente. Todos os outros jogadores juntam-se-lhe em «maul», «ruck» ou passam a bola entre si tentando

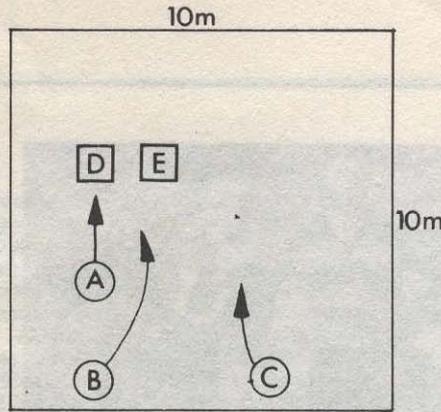
progredir no terreno e marcar ensaio

Variar as posições iniciais dos jogadores e o local para onde a bola é atirada. Variar, também, começando como se tratasse de um alinhamento — devendo o treinador certificar-se que os Pilares se aproximam do «maul» «em jogo», avançando ou recuando.

9. CONTACTO (com oposição 3 contra 2)

Equipamento: uma bola: treinar «maul», passe, placagem e desapossamento.

A dirige-se contra um adversário — D — que tentará desapossá-lo da bola quer batendo-a, quer rodando-o, puxando-o, utilizando o peso do corpo, etc. A deve manter a bola segura até que chegue o apoio de B que tomará a decisão de progredir no terreno, fazer «maul» ou receber um passe curto, conforme o sucesso do adversário ou do seu companheiro. C colabora apropriado, sendo o objectivo marcar ensaio.

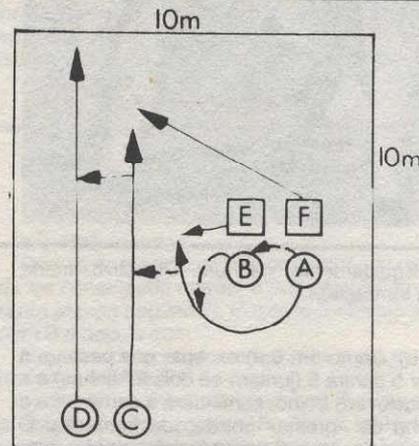


10. CONTACTO E JOGO À MÃO (com oposição 4 contra 2)

Equipamento: uma bola. Objectivo: treinar a execução e defesa de «peel-off».

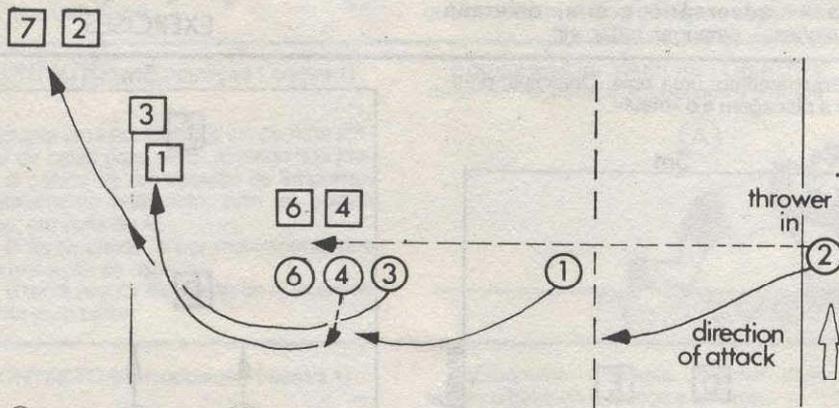
A lança a bola a B em «balão» e segue em «peel-off» recebendo-a batida com a mão. A segue em direcção à linha de meta. E tenta placá-lo, mas a bola deve ser passada em passe curto a C antes que a placagem seja consumada. F tenta placar C que passa a D antes de placado. D marca ensaio, apoiado por A e B. Deve ser sublinhada a importância do «timing» dos passes de A e C.

Repetir cinco vezes, tomar nota dos ensaios, e, depois rodar as posições dos jogadores e comparar o número de ensaios.



12. CONTACTO E JOGO À MÃO (com oposição 5 contra 4 ou 6)

Equipamento: uma bola. Objectivo: treinar apoio no alinhamento.



O ② lança a bola para ④ que agarra e coloca em baixo. ④ salta com ④ mas apenas para dar realismo, não para ganhar a bola. Depois de agarrada, ④ e ⑥ tentarão penetrar através do «pack» constituído por ⑥, ④ e ③, que devem manter-se firmes. ① deve vir da frente do alinhamento receber a bola do saltador e progredir em direcção a ③ e ①, colocados fora do alinhamento. ① e ③ deverão fazer recuar ① ou lançá-lo ao chão. ① deve tentar manter a bola jogável para ③ que

deve segurar.

i) passar a ② vindo à volta, como se fosse médio de formação, pronto para abrir às linhas atrasadas, ou

ii) carregar sobre ⑦ e ②, colocados mais adiante no terreno a fim de originar a uma jogada mais adiante no terreno a fim de originar a uma jogada de avançados e então passar a ②, como se fosse médio de formação. Repetir, variando as posições ao longo da linha lateral e nos dois lados do campo.

11. CONTACTO (sem oposição, em grupo de 5, depois 5 contra 5)

Equipamento: uma bola. Objectivo: treinar protecção e apoio no alinhamento.

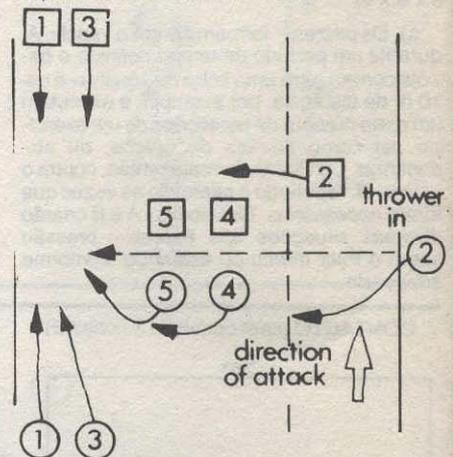
Dois Pilares adoptam as posições 1 e 3 num alinhamento, para apoiar o saltador 2. O lançador atira a bola, que é agarrada pelo saltador. Os Pilares protegem e empurram. A bola será dada, a partir da altura da cintura, a um quinto jogador actuando como médio de formação. Esse elemento correrá, então, torneando a frente/rectaguarda do alinhamento, com todos os outros em apoio, passando a bola entre si, até uma distância de 10 m ao longo da linha lateral. Repetir.

Introduzir oposição que deverá tentar desapossar o jogador que apanhar a bola, rodando-o, puxando-o, etc., e impedindo a progressão ao longo da linha lateral.

O exercício pode ser tornado competitivo realizando-o numa área determinada e dando a cada equipa, por exemplo, cinco oportunidades de marcar ensaio.

13. CONTACTO (sem oposição em grupos de 5 e depois 5 contra 5)

Equipamento: uma bola. Objectivo: treinar o apoio num alinhamento curto.



② lança a bola comprida para trás de um alinhamento de dois jogadores. Os Pilares, ① e ③, correm para a agarrar e desencadeiam uma jogada de avançados. O objectivo será manter-se em movimento permanente e concretizar a jogada planeada — «maul» ou «ruck» conforme adequado.

Introduzir oposição quando necessário e condicionar também o seu momento de entrar em acção com a realização de algumas flexões, por exemplo, isto enquanto a bola é lançada.

Aumentar a pressão conforme necessário. Continuar o jogo até que um ensaio ou a jogada atinja a linha dos 10 m adversária ou um «maul» seja bem sucedido. Os avançados que fazem oposição devem placar de frente. Repetir a localização do alinhamento ao longo da linha lateral e nos dois lados do campo.

CONDIÇÕES FÍSICAS

É essencial desenvolver e manter o poder, treinando com pesos ao longo do ano.

PODER

Requisito essencial particularmente para o pescoço/ombros, costas e coxas.

VELOCIDADE

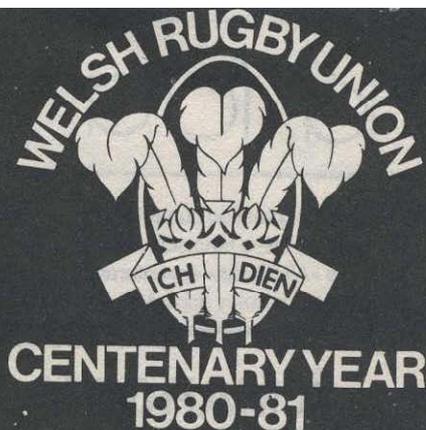
Não é um requisito essencial.

«STAMINA» (Resistência)

A velocidade e a «stamina» devem ser desenvolvidas por meio de corridas intervaladas de 200-600 metros, interrompidas por exercícios de contacto. São essenciais as

corridas longas antes do começo da época. (Os exercícios 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 11 embora indicados para os Pilares não são necessariamente só a eles destinados).

(I) as «grades» e os «canais» são espaços aleatoriamente determinados no terreno de jogo, destinados a limitar uma área para a execução de um qualquer exercício.



ESPECTACULARES «ALL BLACKS» «ESTRAGARAM» A FESTA GALESA

PEDRO SOUSA RIBEIRO

Os «All Blacks» celebraram da melhor maneira o centenário da Federação Galesa de Rugby, batendo País de Gales por 23-3, no Arms Park de Cardiff, completando, assim, a sua pequena digressão com cinco vitórias em outros tantos jogos, registando 16 ensaios marcados contra um sofrido.

Os galeses ficaram bastante abatidos com a derrota sofrida, mas a completa demonstração de bem jogar que caracterizou a exibição dos neozelandeses constituiu uma excelente forma de comemorar os 100 anos do seu rugby.

Aliás, as comemorações do centenário, iniciadas em Julho passado, e que terminarão em Abril de 1981, tinham neste jogo um dos seus pontos culminantes. O convite à Nova Zelândia para a participação nas celebrações deve-se ao facto de estes serem os únicos países do Mundo em que o rugby é o desporto nacional. Os jogos das suas selecções são intensamente vividos e a modalidade faz parte do modo de vida das populações dos dois países.

COMEÇAR COM CLUBES

Antes do encontro com a equipa nacional de Gales, os «All Blacks» defrontaram quatro dos clubes mais fortes do País de Gales: Cardiff, Llanelli, Swansea e Newport.

A digressão começou, no Arms Park, frente ao Cardiff RFC, equipa este ano capitaneada pela terceira linha da selecção inglesa John Scott e que inclui os actuais médios da equipa nacional galesa, Terry Holmes e Gareth Davies.

Nesse jogo, que os Blacks venceram por 16-9, a sua actuação pareceu influenciada pelo jogo de uns meses antes disputado frente à Austrália; passes curtos e rápidos nas linhas atrasadas, mudanças de direcção e apoio instintivo. Estas qualidades que, por ve-

zes, são positivas, mostraram-se, no entanto, ineficazes para ultrapassar uma excelente actuação defensiva do Cardiff, e daí a pequenez do resultado.

No segundo encontro, contra o Llanelli, equipa capitaneada por Ray Gravell e onde ainda actuam Phil Bennett e J. J. Williams, além de Derek Quinell e Paul Ringer, os «All Blacks» tiveram grande dificuldade em vencer por 16-10. Ao intervalo o Llanelli venceu por 10-3, tendo conseguido marcar o único ensaio que os neozelandeses sofreram no decorrer da digressão. Esse ensaio resultou de uma prefuração de Phil Bennett que com um toque de génio bateu a defesa adversária, possibilitando a marcação, pelo seu ponta direito. Bennett fez, aliás, um jogo brilhante mostrando que ainda é um dos melhores, se não o melhor, médio de abertura do País de Gales (saliente-se que ele continua a jogar regularmente no seu clube mas que no início da época de 78/79 declarou não estar mais disponível para jogar na selecção).

RESULTADOS

Cardiff	9	—	Nova Zelândia	16
Llanelli	10	—	»	16
Swansea	0	—	»	32
Newport	3	—	»	14
P. Gales	3	—	»	23

O Swansea, equipa de clube que esta época melhores resultados tem obtido, conjuntamente com o Bridgend, foi o terceiro adversário dos «Blacks». E estes, se até aí não tinham realizado grandes exhibições, neste encontro mostraram toda a sua capacidade, esmagando os galeses, com uns concludentes 32-0. O resultado e a exibição deixaram

desde logo antever o que poderia acontecer, no sábado seguinte em Cardiff.

E apesar do Swansea, que incorpora sete «internacionais», desde o «capitão» Geoff Wheel ao pilar Clive Williams, passando por D. Richards, Brynmor Williams e Roger Blyth, ter dado uma boa réplica, os «All Blacks», baseando o jogo numa contínua acção do bloco de avançados e um notável apoio ao portador da bola, marcaram seis ensaios.

O último jogo, antes do teste com a selecção de Gales, foi jogado debaixo de chuva, em Newport, contra a equipa teoricamente mais fraca. Os All Blacks tiveram grandes dificuldades nesta partida, e só no último minuto conseguiram marcar o seu segundo ensaio, que lhes deu a tranquilidade. O Newport jogou «forte» nas «touches» reduzidas, conseguindo a partir daí algumas bolas, que permitiram pôr os All Blacks em dificuldades em várias ocasiões, mercê da rápida movimentação dos seus três quartos.

EXCEPCIONAL EXIBIÇÃO

E veio finalmente o jogo grande, ansiosamente esperado por todos os galeses, que viam a possibilidade de repetir, em 1980, as vitórias de 1905, 1935 e 1953. Mas todas as suas esperanças foram rapidamente desfeitas por uma Nova Zelândia que produziu excepcional exibição, ao nível das melhores jamais vistas nas Ilhas Britânicas.

Realmente tudo foi belo nesta sua actuação: desde a agressividade na placagem, até ao sempre constante alinhamento dos três quartos, passando pela clara superioridade nos «ruck», fruto de uma técnica apuradíssima e profundamente rotinada, mas especialmente no contínuo apoio ao portador da bola, tudo foi perfeito nesta exibição. Não fora a obstinada defesa por banda do País de Gales, especialmente por parte de Terry Holmes, Robert Ackerman e J. P. R. Willi-

ams, a expressão numérica da superioridade neozelandesa teria sido bem mais elevada.

Os «All Blacks» assentaram o seu jogo em dois importantes aspectos: um trio de tercei-

mantido. Está provado que os «mauls» diminuem a velocidade do jogo. Com a bola no chão (a situação de «ruck») existe muito melhor plataforma para obtenção de uma

À MARGEM

O REGRESSO DE JOHN WILLIAMS

J. P. R. Williams declarou-se, no início desta época, disponível para jogar pela selecção do seu país, ao contrário do que havia sucedido na temporada passada. O mau jogo de Roger Blyth, pelo Swansea, abriu-lhe, novamente, as portas da equipa nacional do seu país.

CEM VEZES «ALL BLACK»

O centro neozelandês Bruce Robertson vestiu pela centésima vez a camisola «All Black» no jogo contra Gales. Foi, por este facto, que ele entrou no Arms Park à frente da equipa, quando normalmente tal compete ao «capitão».

Nota: não confundir vestir a camisola «All Black» com internacionalizações, pois estas só são contadas nos jogos entre equipas nacionais e Robertson realizou 100 partidas incluindo clubes e selecções. Quanto a internacionalizações o centro da Nova Zelândia completou, no Arms Park, a sua 32.^a

FICAR POR INGLATERRA

O abertura Allen ficou em Inglaterra e vai jogar esta temporada pela equipa londrina dos Harlequins, onde já actua também o talonador do Zimbabwé Chris Rodgers.

Bernie Frazer, por seu turno, aproveitou a «deixa» e ficou, também, por Londres para jogar o resto da temporada, precisamente, nos Harlequins. Fazer recebeu várias propostas para se tornar profissional e passar para clubes da Rugby League (Jogo de XIII) mas, apesar dos números elevados dessas ofertas preferiu manter-se entre os amadores.

RICHARD BURTON

Na véspera do Gales-Nova Zelândia, a BBC apresentou no seu programa 1, um filme alusivo ao centenário galês, denominado «A Touch of Glory». O narrador foi o famoso actor Richard Burton, que é galês e antigo praticante de rugby. Recebeu, por isso, 2 500 libras, que ofereceu à Federação Galesa de Rugby, como contributo para a nova bancada do Arms Park.

NOVA ZELÂNDIA EM FRANÇA E NA ROMÉNIA

A Nova Zelândia fará no início da próxima época uma pequena digressão em França, a que e seguirá um jogo com a Roménia, o primeiro na história do Rugby.

ras linhas forte rápido, que aparece sempre em posição de apoiar as linhas atrasadas; e a criação de «rucks» que lhes permitem lançar ataques sucessivos.

O «ruck» é, aliás, uma peça básica no seu jogo e que desde há longos anos vem sendo

bola rápida, pois os avançados estão em movimento para diante, pondo fora de acção a defesa, desorganizando-a. Foi isto que os «Blacks» fizeram, chegando sempre em bloco enquanto os seus adversários apareciam um ou dois de cada vez.

GALES MELHORA NA 2.ª PARTE

Os galeses tiveram o seu melhor período no início da segunda parte, ao conseguirem lançar alguns ataques pelas linhas atrasadas, quando nestas se incorporava John Williams. Mas, deve dizer-se, nunca conseguiram dar a sensação de que poderiam ultrapassar a defesa contrária. Batidos nos alinhamentos e nos «ruck», os galeses não conseguiram também dominar onde o esperavam fazer: nas formações ordenadas e nos «maul». Daí terem disposto de poucas bolas atacantes e mesmo as que tiveram foram, várias vezes, perdidas por «falta de mãos», o que só se pode explicar pela pressão contínua exercida pelos neozelandeses, que alcançaram, neste período mais dois ensaios, desta feita transformados, contra um pontapé do «capitão» Seteve Fenwick.

A exibição dos All Blacks, como já se disse foi quase perfeita em todas as situações de jogo. Apenas teve um ponto fraco: o seu chutador Rollerson esteve em tardê «não», falhando alguns pontapés relativamente fáceis de converter.

A FICHA DO JOGO

Registe-se finalmente a ficha do jogo, disputado no Arms Park de Cardiff, no dia 1 de Novembro de 1980, e dirigido pelo irlandês John West.

GALES — C. Williams, A. Phillips e G. Price; D. Quinell e A. Martin; P. Ringer, J. Squire (E. Butler) e G. Williams; T. Holmes e G. Davies; R. Ackerman, S. Fenwick (3), D. Richards e E. Rees (P. Morgan); J. P. R. Williams.

NOVA ZELÂNDIA — R. Ketels, H. Reid (4) e G. Knight; A. Haden e G. Higginson; M. Shaw, M. Mexted e G. Mourie (4); D. Loveridge e N. Allen (4); B. Fraser (4), W. Osborne, B. Robertson e S. Wilson; D. Rollerson (3.2.3).

G. Williams e R. Ackerman, por Gales, e Ketels, Higginson e Rollerson, pelos «All Blacks» registaram a sua primeira internacionalização. ■

ZIMBABWE EM INGLATERRA

Pela primeira vez na história do rugby, uma equipa nacional do Zimbabwé deslocou-se a Inglaterra, para efectuar uma digressão. Nem tão pouco a antiga Rodésia havia jogado algum dia na Europa.

A equipa constituída s por jogadores brancos e onde se incluía um «internacional» sul africano, teve uma estreia razoável em Twickenham, contra o Condado do Surrey e

conseguiu a sua única vitória no segundo encontro.

Tecnicamente a equipa do Zimbabwé apresentou uma linha de três quartos rápida e decidida, mas o bloco de avançados teve sempre uma grande dificuldade em contrariar os seus opositores ingleses, sobretudo nas situações de «ruck» e «maul».

RESULTADOS

Surrey	25 — Zimbabwé	23
Coventry	12 — Zimbabwé	13
Gloucestershire	21 — Zimbabwé	12
Devon	12 — Zimbabwé	4
Lancashire	31 — Zimbabwé	4
Combined Services	15 — Zimbabwé	32

A FRANÇA FOI «ESMAGADA» PELOS SUL AFRICANOS

A selecção francesa sofreu, no passado dia 8, em Pretória, frente à África do Sul, um dos maiores reveses da história do seu rugby do pós-guerra, ao perder por expressivos 37-15, no «test match» que encerrou uma curta digressão por aquele país africano.

Se bem que tenha triunfado nos três encontros anteriores, a França foi impotente para «segurar» o poder dos «Springboks», «afundando-se» no Loftus Versfeld de Pretória. Assim, depois dos Lions coube a vez aos «tricolores» de deixarem em terras sul africanas as esperanças de bater uma das equipas neste momento mais poderosas do mundo do rugby.

É certo que a França, na última digressão que efectuou em 1975 à África do Sul também perdeu os dois «testes», então disputados, por marcas dilatadas (25-38 e 18-33), mas nessa altura não ficou, a quem assistiu aos jogos, a sensação de que a equipa tinha sido «esmagada», como agora aconteceu. De facto, principalmente a nível os avançados os enormes «Sprinboks» cilindram por completo um «pack» francês a necessitar de revisão urgente e que fez recordar a todo o momento homens como Dauga, os irmãos Spanghero ou um Bastiat. Mui-

tas adaptações de jogadores a outras posições que não as suas, e uma confrangedora fragilidade nas primeiras e segundas linhas parecem indicar que o rugby francês atravessa uma «crise de valores» que aqui há uns anos ninguém previa.

De resto, já antes da deslocação até África a equipa tinha mostrado que não estava bem. Primeiro foi o jogo com o Japão ganho somente por 23-3 (a modesta Holanda bateu os nipónicos por 15-13) e depois o encontro, de Angoulême frente à União Soviética, a contar para o Campeonato da FIRA em que os franceses sentiram enormes dificuldades. Ao intervalo a URSS vence, inclusivamente, por 10-9, e só no segundo tempo os «gauleses» conseguiram — embora com desluzida exibição — virar o resultado para 23-10.

Por tudo isto a Imprensa e naturalmente a opinião pública francesa interroga-se sobre qual será o comportamento da equipa no próximo Torneio das Cinco Nações e, mesmo no Campeonato da FIRA. O encontro que os «tricolores» disputam no dia 23 de Novembro, em Bucareste, frente à poderosa Roménia, para esta prova, poderá dar uma ideia das suas possibilidades. ■



Três franceses para um sul africano (Rob Louw). A imagem poderá dar uma ideia de que foi o jogo de Pretória.

ROMÉNIA NA IRLANDA

A digressão da Roménia pela Irlanda veio confirmar aquilo que na época anterior, em Gales, havia sido verificado: os romenos podem jogar de igual para igual com qualquer outro país do primeiro plano do rugby europeu.

E os britânicos, tão parcos em aceitar inovações, já estão convencidos desse facto e encontram-se, mesmo, dispostos a alargar os seus contactos ao rugby romeno. Mas não se pense que está para breve a transformação o Torneio das Cinco Nações em Torneio das Seis Nações, velha aspiração da Roménia! O alargamento de contactos será feito através de digressões regulares dos romenos às Ilhas Britânicas, tal como aconteceu com a Nova Zelândia, por exemplo.

No primeiro encontro do programa da digressão a supremacia da Roménia foi total.

RESULTADOS

Munster	9	—	Roménia	32
Leinster	24	—	Roménia	10
Ulster	13	—	Roménia	15
Connaught	9	—	Roménia	38
XV Irlandês	13	—	Roménia	13
Leicester a)	7	—	Roménia	39

a) Clube inglês

tendo impressionado especialmente a sua impecável defesa.

O segundo jogo após a Roménia ao Leinster e aqui registou-se a única derrota dos visitantes.

O terceiro e quarto jogos proporcionaram novas vitórias da Roménia e deixaram a Irlanda suspensa do resultado do encontro final da digressão.

Para esse jogo os irlandeses juntaram todos os seus melhores jogadores, numa verdadeira equipa nacional, se bem que o nome oficial da formação XV Irlandês (Irish XV) e não Irlanda.

A grande figura da digressão, refira-se, foi o 3/4 Constantín que se revelou um excepcional chutador, um centro de grande capacidade de percussão e um notável placador. ■

RUGBY JA «MEXE» EM TODOS OS ESCALÕES



Para lá da actividade dos participantes nos torneios de Abertura e de Apuramento, provas de âmbito nacional, que envolvem as nossas principais equipas, o rugby português, neste início de temporada, já «mexe» em todos os escalões.

Ainda nos seniores, em Lisboa, disputou-se um torneio de «reservas» em que participaram (e ainda participam pois o grande número de jogos adiados, vai prolongar a competição) o Técnico, Belenenses, Agronomia, Direito, Benfica, Cangurus e CDUL. Em Coimbra, entretanto, decorre o I Torneio Regional, que conta com a participação do Moitense, da Académica B, do Lousã, do RC Figueira da Foz e do RC Tomar.

No que diz respeito aos juniores 21 equipas encontram-se a disputar a Fase Regional do respectivo Campeonato Nacional, divididas or três zonas.

Na Norte estão em prova o CDUP, RC Coimbra, RC Figueira da Foz, RC Lousã e Académica; na de Lisboa, devido ao maior número de inscrições, formaram-se duas séries, que incluem o S. Miguel, CDUL, Agronomia, Belenenses, Cangurus e Barreiro (Série A) e Emídio Navarro, Direito, Cascais, Benfica e Técnico (Série B); na do Sul tomam parte o RC Elvas, RC Castelo Vide, A. A. Santa Luzia e CDUE.

Concluída esta primeira fase (no dia 11 de

Janeiro) ficarão apuradas para a fase seguinte três equipas da Zona Norte, quatro de cada uma das séries de Lisboa, e uma da Zona Sul. Os 12 finalistas serão então divididos por grupos e os vencedores um deles disputarão a final do Campeonato, o que acontecerá no dia 2 de Maio.

Os mais jovens, finalmente, já entraram também em actividade, a nível regional. Em Lisboa, as coisas não começaram bem — as marcações de campos continuam a falhar — mas pode ser que vão melhorando. No próximo número de Rugby-Revista a actividade (importantíssima) dos mais novos será um dos temas a ser tratados em profundidade.